

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UnB)**  
**INSTITUTO DE LETRAS**  
**DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO**  
**LICENCIATURA EM LÍNGUA E LITERATURA JAPONESA**

**LARISSA SALGUES FREITAS**

**A REPRESENTAÇÃO DA MULHER JAPONESA**  
**EM *KI NO KAWA*, DE ARIYOSHI SAWAKO**

**BRASÍLIA**

**2016**

**LARISSA SALGUES FREITAS**

**A REPRESENTAÇÃO DA MULHER JAPONESA  
EM *KI NO KAWA*, DE ARIYOSHI SAWAKO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Letras – Japonês da Universidade de Brasília, como requisito para obtenção do diploma de licenciada em Língua e Literatura Japonesa.

Orientador: Prof. Gabriel de Oliveira Fernandes

**BRASÍLIA**

**2016**

**LARISSA SALGUES FREITAS**

**A REPRESENTAÇÃO DA MULHER JAPONESA  
EM *KI NO KAWA*, DE ARIYOSHI SAWAKO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Letras – Japonês da Universidade de Brasília, como requisito para obtenção do diploma de licenciada em Língua e Literatura Japonesa.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Gabriel de Oliveira Fernandes – Universidade de Brasília  
(Orientador)

---

Profa. Dra. Michele Eduarda Brasil de Sá – Universidade de Brasília  
(Examinadora)

---

Profa. Ms. Kimiko Uchigasaki Pinheiro – Universidade de Brasília  
(Examinadora)

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço ao meu orientador, Prof. Gabriel, por sua enorme contribuição durante a realização deste trabalho, e por me dar a confiança para terminá-lo.

Agradeço aos professores da área de japonês da UnB, que me enriqueceram com seus conhecimentos durante as aulas.

Agradeço à minha família, que sempre apoia minhas escolhas.

Agradeço especialmente à minha mãe e à minha avó, pelo carinho e palavras de incentivo, e por nunca terem deixado de acreditar em mim.

## RESUMO

Este trabalho tem como finalidade analisar a evolução da posição da mulher japonesa nos períodos em que se passa o romance *Ki no Kawa* (1959), de Ariyoshi Sawako, investigando como cada personagem da obra representa a mulher japonesa de sua época. A primeira personagem, Hana, representa a *ryôsai kenbo*, “boa esposa, mãe sábia”, ideal de mulher do período Meiji (1868-1912). A segunda personagem, Fumio, quando jovem, representa a mulher influenciada pela modernidade do período Taishô (1912-1926) e pelos movimentos feministas que se evidenciavam na época. A terceira personagem, Hanako, representa a mulher do período Showa (1926-1989), que passou pelas dificuldades da Segunda Guerra Mundial e viveu num período no qual as mulheres cada vez mais participavam da força de trabalho. A análise das personagens de *Ki no Kawa* mostra como a posição da mulher japonesa mudou através do tempo, porém, o ideal de *ryôsai kenbo*, representado pela personagem Hana, não desapareceu totalmente do Japão. Na atualidade, ainda existe a noção de que o lugar das mulheres é no lar, apesar de haver iniciativas do governo para incentivar as mulheres a entrarem e permanecerem no mercado de trabalho.

**Palavras-chave:** Literatura Japonesa; Ariyoshi Sawako; Mulher japonesa; *Ki no Kawa*; *Ryôsai kenbo*.

## ABSTRACT

This work seeks to analyze the evolution of Japanese women's position throughout the periods in which the novel *Ki no Kawa* (1959), by Ariyoshi Sawako, takes place, investigating how each character of the work represents the Japanese woman of her time. The first character, Hana, represents the *ryōsai kenbo*, “good wife, wise mother”, Meiji period's (1868-1912) ideal of a woman. The second character, Fumio, in her youth, represents the woman influenced by the modernity of the Taishō period (1912-1926) and by the feminist movements that were evident at the time. The third character, Hanako, represents the woman of the Showa period (1926-1989), which went through the hardships of World War II and lived in a time in which women increasingly participated in the labor force. The analysis of the characters in *Ki no Kawa* shows how the position of Japanese women has changed over time, however, the ideal of *ryōsai kenbo*, represented by the character Hana, did not entirely disappear from Japan. Today, there still exists the notion that the place of women is at home, although there are government initiatives to encourage women to enter and remain in the labor market.

**Keywords:** Japanese Literature; Ariyoshi Sawako; Japanese woman; *Ki no kawa*; *Ryōsai kenbo*.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b>	7
1.1 OBJETIVO GERAL	8
1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	8
1.3 JUSTIFICATIVA	8
1.4 METODOLOGIA	9
<b>2. VIDA E OBRA DE ARIYOSHI SAWAKO</b>	11
<b>3. HANA E A MULHER JAPONESA NO PERÍODO <i>MEIJI</i></b>	17
<b>4. FUMIO E A MULHER JAPONESA NO PERÍODO <i>TAISHÔ</i></b>	27
<b>5. HANAKO E A MULHER JAPONESA NO PERÍODO <i>SHOWA</i></b>	37
<b>6. A MULHER JAPONESA EM <i>KI NO KAWA</i> E NOS DIAS ATUAIS</b>	46
<b>7. CONCLUSÃO</b>	51
<b>8. REFERÊNCIAS</b>	53

## 1. INTRODUÇÃO

O Japão passou por grandes mudanças, que tiveram início na era Meiji (1868 à 1912), com a abertura do país para o resto do mundo e o processo de modernização. Nesta época, muitos japoneses foram estudar em outros países e entraram em contato com costumes diferentes, levando novas ideias ao Japão, inclusive novas visões sobre o lugar das mulheres na sociedade. Apesar disso, no período Meiji não houve grandes mudanças na posição da mulher japonesa, pelo contrário, havia a preocupação em reforçar os papéis tradicionais das mulheres na sociedade. Assim, neste período foi criada a expressão *ryôsai kenbo* (boa esposa, mãe sábia), resumindo o ideal de mulher já existente nos períodos anteriores, que deveria viver principalmente para cuidar da família e do lar, complementando as atividades do marido.

Porém, na medida em que o processo de modernização japonesa avançava, muitas mulheres passavam a questionar seu papel e seus direitos na sociedade japonesa, começando a expressar descontentamento e desejo de provocar mudanças para si mesmas. Essas mudanças, que muitas mulheres desejavam, iam contra o modelo tradicional da *ryôsai kenbo* que até mesmo o governo na época promovia. Assim, nos anos finais do período Meiji e principalmente durante o período Taishô (1912-1926), surgiram grupos na sociedade japonesa que rejeitavam o modelo tradicional de mulher, enquanto o governo japonês e grande parte da sociedade ainda abraçavam este modelo e continuavam a defendê-lo como o único aceitável. Dessa forma, os movimentos das mulheres nesta época foram impedidos de alcançar a maior parte dos seus objetivos, mas conseguiram trazer novas formas de pensar sobre o lugar da mulher na sociedade japonesa. Com o passar do tempo, o ideal de *ryôsai kenbo* criado no período Meiji foi se modificando e dando espaço à modernidade, e as mulheres foram conquistando novos direitos. Assim, do final do período Meiji em diante, a vida das mulheres japonesas mudou de várias formas.

As mudanças que ocorreram para as mulheres no Japão do período Meiji até o período após a Segunda Guerra Mundial são representadas no romance *Ki no Kawa* (1959), da autora Ariyoshi Sawako. Neste romance, são narradas as relações entre mulheres de três gerações diferentes, que pensam de formas distintas e assumem papéis diferentes na sociedade. A história de *Ki no Kawa* é contada da perspectiva de Hana e foca no seu relacionamento com sua filha Fumio e sua neta Hanako. O livro cobre a época que vai dos anos finais do século 19 até a metade do século 20, ou seja, do período Meiji até o período Showa. Assim, é necessário primeiro compreender como eram as mulheres japonesas desses períodos para aprofundar o entendimento das personagens de *Ki no Kawa*, e este será o foco do presente trabalho.

### 1.1. OBJETIVO GERAL

Analisar a posição das mulheres na sociedade japonesa e suas modificações durante os períodos Meiji, Taishô e Showa, compreendendo assim as personagens principais do livro *Ki no Kawa* que representam a mulher de cada uma dessas gerações.

### 1.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Investigar a biografia da escritora Ariyoshi Sawako, para contextualizar a obra *Ki no Kawa*.
- Analisar as mudanças que afetaram a posição das mulheres na sociedade japonesa no período Meiji (1868 até 1912), e caracterizar a personagem Hana, mostrando como ela representa a mulher da época.
- Analisar as mudanças que ocorreram para as mulheres japonesas no período Taishô (1912 até 1926), caracterizando a segunda personagem, Fumio, mostrando como ela representa a mulher da época.
- Analisar como se modificou a posição das mulheres japonesas no período Showa (1926 até 1989), caracterizando a última personagem de *Ki no kawa*, Hanako, mostrando como ela representa a mulher do período.

### 1.3. JUSTIFICATIVA

A escritora japonesa Ariyoshi Sawako teve grande interesse em abordar questões sociais em seus romances, e em suas obras mais famosas, pode-se observar que ela dava principal atenção a questões que diziam respeito às mulheres japonesas de diferentes épocas. Ariyoshi deixou importantes contribuições para o entendimento das mulheres no Japão. Um dos mais reconhecidos romances da autora, *Ki no Kawa*, apresenta personagens principais que vivem em três diferentes períodos da história do Japão, representando a mulher japonesa de cada um destes períodos. Assim, a escolha do romance *Ki no Kawa* como foco deste trabalho ocorreu porque, com a análise das personagens da obra, é possível alcançar maior entendimento das mulheres japonesas, abrangendo gerações passadas.

Com isto, a justificativa deste trabalho é deixar uma contribuição para os que têm interesse em compreender as mulheres japonesas de diferentes épocas, assim como interessados em compreender as personagens da obra *Ki no Kawa* no contexto em que a

história se passa. Assim, também será dado o primeiro passo na compreensão da mulher na sociedade japonesa contemporânea.

#### 1.4. METODOLOGIA

Para análise das personagens da obra *Ki no Kawa*, neste trabalho são utilizadas passagens<sup>1</sup> da tradução em inglês de 1980, por Mildred Tahara, intitulada “The River Ki”. Como este não é um trabalho de análise estilística, e sim conteudística, optou-se por usar a versão na língua com a qual havia mais facilidade de trabalhar, a tradução em inglês. Optou-se por esta versão também porque, até o presente momento, nenhuma das obras da autora foi oficialmente traduzida para o português.

Para entender a posição das mulheres japonesas e as mudanças ocorridas a partir do período Meiji até o período após a Segunda Guerra Mundial, é necessária a realização de uma pesquisa bibliográfica utilizando diversas fontes. Assim, os principais autores e teorias utilizados para o desenvolvimento deste trabalho serão apresentados a seguir.

No livro “Flowers in Salt” (1983), a autora Sharon Sievers mostra como as mulheres japonesas estavam longe de ser ignoradas no período Meiji, fazendo parte até mesmo da política de estado. A autora descreve o surgimento do ideal de mulher no Japão da época, a *ryôsai kenbo* (boa esposa, mãe sábia), e mostra como a vida de muitas mulheres do país estava distante deste modelo. Sievers também descreve as lutas de várias mulheres japonesas por mudanças, contando como ocorreu o começo de tais lutas já no período Meiji, continuando no período Taishô. Assim, o livro apresenta grande contribuição no entendimento de como era a vida e a luta das mulheres japonesas, principalmente durante o período Meiji e no início do período Taishô. Além disso, apresenta brevemente como as mulheres eram vistas e tratadas no período Tokugawa, que antecedeu o período Meiji.

Sobre o final da era Meiji e o decorrer da era Taishô, a tese “Pioneers of the Women’s Movement in Japan: Hiratsuka Raichô and Fukuda Hideko seen through their journals, *Seitô* and *Sekai Fujin*.” (1999), escrita por Fumiko Horimoto, apresenta importantes informações. Em sua tese, Horimoto foca no percurso das revistas *Sekai Fujin* e *Seitô*, publicadas durante o século 20 no Japão e voltadas para questões femininas da época, mostrando a importância e influência que estas revistas tiveram no pensamento sobre as mulheres da sociedade japonesa.

---

<sup>1</sup> Como as passagens utilizadas são retiradas de uma versão traduzida, e não da obra na língua original, optou-se por não retraduzir estas passagens para o português, mantendo-as como na versão utilizada, em inglês.

Kenneth B. Pyle, no livro “The Making of Modern Japan” (1996), dedica alguns capítulos à história das mulheres durante a época da modernização japonesa, abrangendo do período Tokugawa até o período pós Segunda Guerra Mundial. Nestes capítulos, o autor descreve as mulheres do Japão, mostrando as transformações pelas quais sua posição na sociedade passou na medida em que o país se modernizava. Assim, os capítulos explicam fatos importantes que tiveram influência na vida das mulheres em diferentes épocas.

No livro “Postwar Japan as History” (1993), editado por Andrew Gordon e escrito por vários autores, há dois capítulos que tratam exclusivamente das mulheres no Japão. O primeiro é intitulado “The Death of ‘Good Wife, Wise Mother?’” e escrito por Kathleen S. Uno. A autora mostra como a partir do período Meiji o ideal de “boa esposa, mãe sábia” se propagou pelo Japão, e como este ideal foi se modificando através do tempo. Depois, o capítulo destaca os movimentos das mulheres japonesas após a Segunda Guerra Mundial, mostrando sua multiplicidade de objetivos.

O outro capítulo é intitulado “Altered States: The Body Politics of ‘Being-Woman’” e é escrito por Sandra Buckley. Nele, a autora nos mostra que apesar da Constituição de 1947 ter representado em teoria mudanças positivas para as mulheres, a discriminação baseada em gênero ainda operou em todos os níveis sociais após a Segunda Guerra Mundial. O capítulo mostra os desafios enfrentados pelas mulheres como trabalhadoras e mães, como era a educação para as mulheres e quais eram as políticas voltadas para elas no Japão após a Segunda Guerra Mundial.

O livro “The Changing Social Position of Women in Japan”, do autor Takashi Koyama, também foi muito importante na compreensão das mudanças ocorridas para as mulheres no Japão após a Segunda Guerra Mundial. A obra mostra como a posição da mulher japonesa na sociedade se modificou através do tempo. A seguir, veremos como esta mesma temática é explorada na maior parte da obra da autora do pós-guerra, Ariyoshi Sawako, escritora do romance a ser analisado neste trabalho.

## 2. VIDA E OBRA DE ARIYOSHI SAWAKO

Ariyoshi Sawako nasceu em 1931, no Japão, na cidade de Wakayama, cenário de dois dos seus romances mais famosos, *Ki no Kawa* e *Hanaoka Seishû no Tsuma*, o primeiro sendo o foco deste trabalho. Ariyoshi passou boa parte da sua infância fora do país, principalmente em Java, na Indonésia, onde viveu por 4 anos e cursou a escola primária. Durante sua infância, Ariyoshi viajava muito devido ao trabalho de seu pai, Shinji, em um banco internacional. Sua mãe, Akitsu, filha de um político, era uma mulher forte que se mostrava contra os costumes e valores tradicionais que subjugavam as mulheres (SACHIDANAND, 1997, p. 159). Além disso, Akitsu se interessava pela *Seitô* (em inglês, *Bluestocking*), revista literária escrita por mulheres, criada em 1911 por Hiratsuka Raichô. Ariyoshi foi muito influenciada pela mãe, herdando dela seu interesse pelas questões das mulheres japonesas, escrevendo vários livros em que são abordadas essas questões.

O pai também a influenciou, alimentando a paixão de Ariyoshi pela leitura com sua grande coleção de literatura contemporânea, a qual ela tinha acesso e pôde ler muito desde a infância. Foi por meio destas leituras que surgiu em Ariyoshi o desejo de se tornar escritora, sendo sempre encorajada pelos pais a ler e escrever. Além disso, desde cedo ela tinha a saúde frágil devido a problemas como insônia e fadiga (PULVERS, 2012), por isso passava a maior parte do tempo em casa lendo, principalmente as obras de autores japoneses de sucesso, como Arishima Takeo e Natsume Sôseki. Uma das obras mais famosas de Arishima Takeo, *Aru Onna* (1919), tem como tema principal as mudanças na posição da mulher na sociedade japonesa no final do período Meiji e início do período Taishô, tema sobre o qual Ariyoshi escreveu vários dos seus romances.

Ariyoshi voltou de Java para o Japão com seus pais em 1941, enquanto a Segunda Guerra Mundial estava assolando o país. Nessa época ela teve acesso a livros de filosofia e foi ganhando crescente interesse por eles graças a seu tio, que possuía uma grande coleção. Ariyoshi começou também a se interessar por gerontologia, a ciência que estuda o processo de envelhecimento humano, principalmente as necessidades físicas, emocionais e sociais que surgem com a idade. Este assunto a influenciou na escrita de um dos seus livros mais famosos, o romance *Kôkotsu no Hito* (na tradução em inglês, *The Twilight Years*), que será comentado mais à frente. Também nesta época, ela começou a aprender inglês com sua tia e escrita chinesa com um professor, e passou a ler clássicos chineses e ocidentais (SACHIDANAND, 1997, p. 160). Em 1949, Ariyoshi entrou na Universidade de Tóquio para Mulheres, no

Departamento de Inglês. Porém, teve que se afastar por um longo período devido a seus problemas de saúde e da morte do seu pai em 1950, retornando em 1951.

Foi nesse estágio de sua vida que Ariyoshi começou a ter interesse por arte clássica japonesa, sendo seu foco principal o *Kabuki*, uma forma de teatro tradicional japonês, conhecido principalmente pelo drama estilizado e as maquiagens elaboradas. O *kabuki* foi criado em 1603 por uma mulher, que inspirou Ariyoshi a escrever o romance *Izumo no Okuni* em 1969, sobre essa personagem histórica. Enquanto ainda estava estudando na universidade, Ariyoshi participou de um concurso de redação organizado por uma revista sobre teatro intitulada *Engekikai* (criada em 1943), que na época era especializada em teatro *kabuki*, e ganhou o prêmio final. Em 1952, conseguiu um trabalho nesta mesma revista, que envolvia conduzir entrevistas sobre *kabuki* (SACHIDANAND, 1997, p. 161).

No mesmo ano, Ariyoshi se graduou em literatura inglesa. A partir daí, ela realizou trabalhos em algumas outras revistas, onde teve a oportunidade de conhecer várias pessoas, incluindo figuras literárias como os escritores Miura Shumon e Yoshiyuki Junnosuke, que tiveram papel importante em sua vida, encorajando-a a continuar escrevendo.

Em 1956, ela escreveu seu primeiro conto, *Jiuta* (na tradução em inglês, Balad), que foi nomeado ao 35º Prêmio Akutagawa (prêmio criado em 1935 por Kikuchi Kan, em memória ao famoso escritor Akutagawa Ryûnosuke, se tornando o prêmio literário mais prestigioso do Japão). O primeiro conto de Ariyoshi já ter obtido este sucesso foi mais uma motivação para a autora continuar escrevendo. No início de sua carreira literária, ela escreveu várias peças que foram encenadas e contos onde transparecia sua paixão pelas artes performáticas tradicionais japonesas. A forte ligação da autora com a arte teatral influenciou no seu estilo de escrita. Nos seus romances, são frequentes os confrontos dramáticos entre personagens e os diálogos vívidos, elementos muito próprios da atuação.

Além do claro interesse pela arte japonesa, principalmente o teatro, Ariyoshi tinha a preocupação em abordar diversas questões sociais nos seus escritos. Numa entrevista, a autora disse que nunca teve interesse em escrever narrativas em primeira pessoa ou romances sobre amor, acreditando haverem temas mais importantes (FAIRBANKS, 2002, p. 17). Em suas obras, Ariyoshi deixa claro a quais temas estava se referindo. Entre eles, estão a poluição ambiental, a discriminação, o preconceito e questões relacionadas aos idosos e às mulheres. Inclusive, as personagens principais femininas predominam nos romances históricos da autora, mostrando assim que um dos principais interesses dela era escrever sobre mulheres japonesas de diferentes gerações.

Já no seu primeiro romance longo de destaque, *Ki no Kawa* (na tradução em inglês, *The River Ki*), vê-se claramente este interesse de Ariyoshi em escrever sobre as mulheres. A obra é objeto de estudo deste trabalho e será explorada mais adiante. Foi publicada em 1959 e pode ser considerada responsável por assegurar o lugar da autora no mundo da literatura. A história de *Ki no Kawa* ganhou uma versão em filme, em 1967, com direção de Nakamura Noboro.

Em 1962, Ariyoshi casou-se com Jin Akira, que era presidente do Conselho Administrativo da “Art Friends Association” (SACHIDANAND, 1997, p. 164). Porém, a união dos dois não durou muito e se divorciaram em 1964, apenas 2 anos depois de casados. Durante o tempo em que estiveram juntos, Ariyoshi trabalhou muito e sem sucesso para ajudar a salvar a companhia em que o marido trabalhava, a qual enfrentou vários problemas financeiros (SACHIDANAND, 1997, p. 165).

Em 1963, Ariyoshi ganhou um prêmio por um dos seus escritos, *Kôge* (na tradução em inglês, *Flowers and Incense*), outra história em que ela descreve mulheres japonesas de diferentes gerações. Neste mesmo ano, teve uma filha chamada Tamao. Pouco tempo depois do nascimento da filha, a autora voltou a se focar em seu trabalho como escritora e não teve mais tanto tempo para ficar com a criança, portanto Tamao passou a maior parte da infância sob os cuidados da avó (SACHIDANAND, 1997, p. 166). Já no ano seguinte ao do nascimento de Tamao, em 1964, foi publicado o romance *Hishoku* (na tradução em inglês, *Not Because of Color*) no qual Ariyoshi foca na questão do preconceito racial e discriminação. *Hishoku* é a história de uma jovem mulher japonesa que conhece um homem afro-americano e se casa com ele, indo contra a vontade dos pais dela, que se opõem fortemente à união. Os dois se mudam para Nova York, e lá o casal também enfrenta problemas por causa do preconceito racial. Um dos motivos pelos quais Ariyoshi escreveu sobre o preconceito foi porque ela mesma pôde observá-lo enquanto morava em Nova York, onde estudou sobre teatro por um ano (em 1959), na faculdade Sarah Lawrence.

Além do tempo que passou nos Estados Unidos, Ariyoshi também viajou para vários outros lugares. Um dos principais foi a China, que ela visitou algumas vezes, sendo a primeira vez em 1961. Depois da quinta viagem ao país, em 1978, a autora escreveu um livro com o título *Chûgoku Repouto* (na tradução em inglês, *China Report*). No livro, ela descreve fazendeiros e habitantes das cidades, e mostra sua preocupação com a poluição e o uso excessivo de pesticidas no país. Através do que Ariyoshi escreve, pode-se observar que ela se preocupava de forma sincera com as pessoas. Numa das passagens do livro em que a autora demonstra essa preocupação, ela diz: “O povo chinês deve saber sobre [o problema da

poluição] o mais cedo possível. Este conhecimento deve ser espalhado rapidamente<sup>2</sup>” (PULVERS, 2012, tradução nossa).

Em 1966 foi publicado um dos mais famosos romances de Ariyoshi, *Hanaoka Seishû no Tsuma* (na tradução em inglês, *The Doctor's Wife*). Como a maioria dos romances da autora, este tem mulheres como personagens principais, focando nas histórias da mãe e da esposa do primeiro médico do mundo a usar anestesia geral. Elas duas têm uma relação de forte rivalidade, disputando a atenção do médico, enquanto ele próprio finge ignorar este fato, desfrutando dos benefícios de ter tanta atenção voltada para si. A história retrata a rivalidade comum que existia entre esposa e sogra, mostrando como elas não tinham nada a ganhar com esta rivalidade. Além disso, mostra que as mulheres acabavam se prejudicando ao viver para agradar seus parceiros, às vezes fazendo sacrifícios apenas para ganhar a aprovação deles. A esposa do médico, em sua necessidade de ser útil ao marido, serve de cobaia para suas experiências com anestesia e termina por ficar cega. O livro foi televisionado em 6 produções diferentes.

Em 1972 Ariyoshi escreveu o romance *Kôkotsu no Hito* (na tradução em inglês, *The Twilight Years*), uma das suas obras mais famosas, porém mais controversas. A obra se passa na época em que foi escrita, mas trata de temas muito atuais. Conta a história em que uma mulher é obrigada a cuidar de um idoso, seu sogro, enquanto mantém o trabalho num escritório de advocacia, se tornando sobrecarregada pelas suas tarefas. A obra retrata um casal em que tanto a mulher quanto seu marido trabalham em tempo integral, e mostra como a responsabilidade de cuidar do idoso fica inteiramente nas mãos da mulher, enquanto o seu marido não se preocupa em lhe dar nenhuma assistência nisto. Dessa forma, Ariyoshi denuncia um problema comum, que ocorre quando o marido assume que é tarefa apenas da mulher cuidar dos assuntos do lar e da família, assim ela tem que lutar para manter estas obrigações e ao mesmo tempo sua carreira. O livro foca em outra questão muito atual, que é o envelhecimento da população japonesa e a necessidade do aumento de recursos para dar assistência a essa parte crescente da população. O romance foi mais um dos que ganharam uma versão em filme, gravado em 1973, pelo diretor veterano Shiro Toyoda.

Vários outros romances da autora ganharam versões para a TV, em forma de filmes ou séries. Os romances de Ariyoshi são repletos de diálogos e confrontos entre os personagens, o que os torna próprios para serem transformados em versões encenadas. Além disso, Ariyoshi

---

<sup>2</sup> The Chinese people must know about (the pollution problem) as soon as possible. This knowledge must be spread quickly.

era uma ótima contadora de histórias, assim suas obras conseguem entreter facilmente o leitor. Ela se preocupava com a construção dos personagens, que frequentemente são intensos e também cumprem seu papel em prender a atenção dos leitores. Ariyoshi escrevia sobre temas que realmente importavam muito para ela, e, apesar de ter a saúde debilitada, foi bastante produtiva como escritora e era claramente apaixonada pela escrita.

Infelizmente, poucos trabalhos da autora foram traduzidos para o inglês. Entre os livros que foram traduzidos, estão: *Hanaoka Seishû no Tsuma*, com o título “The Doctor’s Wife”, traduzido por Wakako Hironaka e Ann Siller Kostant, em 1978, editora Kodansha; *Kôkotsu no Hito*, com o título “The Twilight Years”, traduzido por Mildred Tahara, em 1987, editora Kodansha; E a versão a ser usada no presente trabalho: *Ki no Kawa*, com o título “The River Ki”, traduzido por Mildred Tahara, em 1980, editora Kodansha. Alguns contos da autora também ganharam versões em inglês.

Ariyoshi Sawako faleceu em 1984, com 53 anos de idade, devido a um ataque cardíaco, mas deixou para trás romances que podem trazer grande contribuição na tentativa de compreender a posição das mulheres em diferentes períodos do Japão. Como já visto acima, durante sua vida, Ariyoshi se preocupou em abordar questões femininas na sociedade japonesa em várias de suas obras. Mesmo quando este não era o tema principal da história, a grande maioria dos romances da autora é protagonizada por personagens femininas, mostrando como as mulheres foram constantemente representadas nas obras dela.

Este trabalho terá como foco o primeiro romance longo da autora, *Ki no Kawa*, que será analisado para tentarmos chegar a uma compreensão sobre a posição das mulheres japonesas. O romance se passa principalmente em Wakayama, cidade japonesa localizada na região de Kansai e cenário onde se encontra o rio Ki, ao qual o título da obra se refere. A narrativa tem o foco na vida de 3 personagens: Hana, sua filha Fumio e sua neta Hanako. Através destas personagens a autora descreve as mulheres de diferentes gerações do Japão (do final do século 19 até a metade do século 20), mostrando as mudanças nas suas expectativas, nas suas preocupações e nos papéis que assumiam na sociedade. Hana representa uma mulher tradicional japonesa do período Meiji, que se preocupa em cuidar da família e vive à sombra do seu marido, sempre seguindo os costumes impostos na época. Já sua filha Fumio vai contra tudo que é tradicional, quer ser independente e fazer suas próprias escolhas, se preocupa com os direitos das mulheres, representando a mulher japonesa do período Taishô. Ela mostra mais interesse no que é estrangeiro do que nas tradições japonesas, para a decepção de Hana. Por último temos Hanako, que é filha de Fumio, porém sente uma forte ligação com sua avó,

Hana. Hanako é uma jovem independente e trabalhadora, que quer formar uma família no futuro, representando a mulher japonesa do período Showa.

Nos próximos capítulos, o foco será analisar a posição das mulheres japonesas nas diferentes gerações em que se passa a obra *Ki no Kawa*. Ao mesmo tempo em que serão descritas as gerações de mulheres apresentadas no livro, também serão caracterizadas as personagens da história que viveram em cada um destes períodos, desta forma compreendendo melhor tanto as mulheres japonesas de diferentes épocas quanto as personagens da história.

### 3. HANA E A MULHER JAPONESA NO PERÍODO MEIJI

O romance *Ki no Kawa* inicia-se no período Meiji do Japão, época em que vive a personagem principal Hana. Portanto, primeiramente, o objetivo deste capítulo será mostrar a posição das mulheres na sociedade japonesa do período Meiji, para explicar como Hana representa o ideal de mulher da época. Mas antes é necessária uma breve explicação do que representou este período histórico para o Japão.

O período Meiji abrange de 1868 até 1912 e é marcado pelo retorno do imperador ao poder, pela abertura do país para o estrangeiro e pela modernização japonesa. Um dos objetivos do governo era o de unificar o país e, para isso, os ministros implementaram vários programas e políticas. O novo governo também estava comprometido em modernizar o Japão e em aprender com os ocidentais, assim, os japoneses começaram a estudar fora e observar costumes de outros países. Durante estas observações, várias diferenças culturais chamaram a sua atenção, incluindo as liberdades pessoais das quais as mulheres americanas desfrutavam. Por exemplo, no Japão daquela época era impensável a esposa acompanhar o marido em certas ocasiões sociais, como ocorria nos bailes observados no ocidente (SEGAL, 2015, p. 3).

Na primeira missão japonesa para os Estados Unidos, que ocorreu alguns anos antes do início do período Meiji, em 1860, os japoneses já perceberam a diferença no comportamento das mulheres. Segundo Sievers (1983, p. 2, tradução nossa),

A maioria dos membros desta missão voltaram dos EUA confusos e críticos quanto ao lugar que as mulheres americanas pareciam ocupar na sociedade. Apesar deles reconhecerem que mulheres americanas eram menos tímidas e tinham mais força de vontade que as japonesas, e que algumas eram de fato ‘inteligentes, bem humoradas e fiéis’, nenhum japonês em 1860 sugeriu que o Japão tinha algo a ganhar ‘elevando’ o status das mulheres conforme o modelo americano<sup>3</sup>.

Mesmo assim, pode-se afirmar que, a partir desta época, a sociedade japonesa começou a prestar atenção em como eram as mulheres no ocidente e trazer novas ideias ao Japão.

Juntamente com essas novas ideias, o período Meiji acabou trazendo certas mudanças para as mulheres. O novo ideal de mulher para os japoneses passou a ser resumido no *slogan*: *ryôsai kenbo* (良妻賢母), “boa esposa, mãe sábia”. O responsável por cunhar o *slogan*, em 1875, foi Nakamura Masanao, um famoso educador japonês que passou um tempo

---

<sup>3</sup> Most of the members of the mission left the United States confused and critical of the place American women seemed to occupy in the society. Though they recognized that American women were less shy and more strong willed than Japanese women, and that some were in fact ‘intelligent, high spirited and faithful’, no Japanese in 1860 suggested that Japan had something to gain by ‘elevating’ the status of women after the American model.

considerável na Europa. Nakamura apresentou, em um texto intitulado “Criando Boas Mães”, um modelo clássico inspirado no do Ocidente do século 19 para as mulheres. Neste texto, ele escreveu que as mulheres “deveriam prover as bases morais e religiosas do lar, educando seus filhos e agindo como a ‘metade melhor’ de seus maridos<sup>4</sup>” (SIEVERS, 1983, p. 22, tradução nossa). Para ele, as mulheres tinham o papel fundamental de criar e educar as futuras gerações do Japão, portanto elas deveriam receber a educação necessária para cumprir o seu papel. Para as mulheres, o treinamento em moral e religião deveria preceder a educação nas artes e ciências (SIEVERS, 1983, p. 23).

As ideias de Nakamura no mínimo indicavam uma mudança em comparação com as ideias sobre as mulheres dos anos anteriores, no período Tokugawa. Segundo Sievers (1983, p. 23, tradução nossa), “o sistema Tokugawa tinha criado servilismo e submissão: A Mulher do período Meiji deveria ser diferente. Elas deviam criar uma nova geração de japoneses – Independentes e capazes de defender e administrar o país<sup>5</sup>”. Portanto, os papéis da mulher como mãe e esposa são enfatizados nesta época, porém não como no período Tokugawa, em que a mulher deveria apenas servir a seu marido. Agora, segundo as ideias de Nakamura, a esposa ideal deveria apoiar seu marido complementando as atividades dele, podendo tomar decisões e assumir certo controle no lar, ajudando a produzir o futuro do Japão.

Assim, uma “boa esposa” era uma mulher que cuidava dos assuntos da família e garantia o bem estar dos seus membros adultos, enquanto uma “mãe sábia” cuidava dos filhos e os educava para servirem ao país (UNO, 1993, p. 297). Enquanto as mulheres cuidavam destas tarefas em casa, cabia aos homens trabalharem fora, exercendo suas profissões e sustentando suas famílias. Os casais idealmente deveriam seguir esta divisão tradicional de papéis, de forma que a mulher complementasse as atividades do marido enquanto ele ficava livre para se dedicar às suas tarefas. Acreditava-se que esta divisão era a mais natural e conveniente, e a mais favorável para o crescimento do país.

Por isso, o ideal resumido na *ryôsai kenbo* era reforçado pelo governo japonês, que trabalhava ativamente para promover este modelo, inclusive elogiando publicamente mulheres que davam exemplo do espírito de sacrifício pela família (SEGAL, 2015, p. 9). Além disso, a constituição e leis da época reforçavam o papel doméstico das mulheres, negando-as o direito de votar e de participar de atividades políticas. O principal discurso sobre

---

<sup>4</sup> should provide the religious and moral foundations of the home, educating their children and acting as the ‘better half’ to their husbands.

<sup>5</sup> The Tokugawa system had bred servility and submission; Meiji women must be different. They must raise a new generation of Japanese – independent and capable of defending and managing the country.

as mulheres era que elas deveriam almejar serem boas esposas e mães sábias, sendo estes os papéis femininos ideais.

Hana, a primeira personagem de *Ki No Kawa*, tendo sido criada no período Meiji, é um exemplo da *ryôsai kenbo*, se encaixando neste modelo que o governo se esforçava em promover. Na obra, ela vive principalmente para apoiar seu marido, cuidar da família, dos filhos e do seu lar. Durante a juventude, Hana estuda na “Wakayama Girl’s School”, cujo lema é “Be Good Wives and Wise Mothers” (ARIYOSHI; trad.: Tahara, 1980, p. 94), de acordo com a educação voltada para meninas do período Meiji.

Neste período, o governo criou regulamentos que exigiam que cada prefeitura desse suporte a ao menos uma escola secundária para jovens mulheres, ressaltando que nestas escolas a educação seria padronizada e almejava formar *ryôsai kenbo*. Em 1906, o ministro da educação Makino Nobuaki mostrou que considerava a criação de boas esposas e mães sábias o propósito fundamental da educação para as mulheres. Ele dizia que os assuntos estudados por elas deveriam ser diferentes, já que seus papéis também diferiam daqueles assumidos pelos homens (UNO, 1993, p. 298). Assim, o propósito principal da educação para as mulheres no período Meiji era a criação de *ryôsai kenbo*.

Na obra, apesar de não haver muitas informações sobre a juventude de Hana, pode-se concluir que ela foi influenciada pela educação que recebeu na escola, pois como vimos, era uma escola voltada para formar mulheres que cumprissem seus papéis tradicionais, de esposa e mãe. Além disso, Hana recebeu influência da avó Toyono, a principal responsável pela criação da neta, e também responsável por arranjar o casamento de Hana.

Nessa época no Japão, segundo Pyle (1996), costumes relacionados ao casamento mudavam dependendo da região, mas o mais comum eram os pais arranjarem os casamentos para os filhos. Na obra, a mãe de Hana teria que escolher o pretendente da filha, mas ela falece antes de poder realizar a tradição. Assim, a responsabilidade passa para a avó, Toyono, que criou a neta como se fosse sua mãe. Já o pai de Hana, Nobutaka, precisa aprovar o casamento da filha. Como Toyono é mãe de Nobutaka, ela exerce bastante influência sobre ele, convencendo-o a aceitar o pretendente escolhido para Hana. Já a própria Hana não tem nenhum poder de decisão dentro da sua família, nem ao menos podendo escolher o marido, realidade da maioria das mulheres na época.

Reforçando esta falta de autonomia das mulheres dentro da família no período Meiji, a qual já existia desde o período Tokugawa, foi criado um novo Código Civil, em 1898 (HORIMOTO, 1999, p. 104-105). O novo Código colocava quase todas as mulheres sob a autoridade de um homem da família, que escolhia o domicílio familiar, administrava a

propriedade da sua esposa, e aprovava casamentos de mulheres da família que tivessem menos de 25 anos de idade. Segundo o Código, uma mulher só podia assumir o papel de membro principal do seu lar se não houvesse um candidato masculino, na condição de ser solteira ou viúva. Além disso, esposas tinham maior dificuldade em ganhar o divórcio do que seus maridos (UNO, 1993, p. 299). Assim, no período Meiji, enquanto as ideias de Nakamura sobre a posição das mulheres pareciam ter trazido uma mudança positiva, o novo Código Civil apenas trouxe retrocesso ao reforçar o sistema familiar existente no Japão há centenas de anos, deixando as mulheres quase sem direitos dentro da família. Vivendo neste contexto, Hana não tem escolha a não ser aceitar o marido selecionado para ela.

Assim, entre os vários pretendentes, Toyono julga que o mais apropriado é Matani Keisaku, e assim convence o pai de Hana de que este será o marido ideal. Fica decidido que o casamento só irá ocorrer após dois anos, para que sejam realizados todos os preparativos. Hana confia na escolha da avó, como se percebe numa passagem que ocorre no dia do casamento, sobre Matani Keisaku e Hana: “The two young people had met just once two years earlier, but Hana placed her trust entirely in the man selected by her grandmother. Under Toyono’s influence, she had gradually persuaded herself she was fond of Keisaku” (ARIYOSHI; trad.: Tahara, 1980, p. 20). Como Hana sabe que não terá a liberdade de escolher seu marido, ela não romantiza o ato de se casar, considerando o casamento como parte do seu destino. Hana cresce sobre constante influência da avó, por isso confia no pretendente escolhido e aos poucos se convence de que gosta dele. Como não pode mudar o sistema existente, Hana faz o que pode para aceitá-lo.

Logo depois de casar com Keisaku e chegar ao seu novo lar, Hana passa algum tempo tocando *koto*, mas depois se mostra arrependida por isso:

Removing the picks from her fingers, Hana felt guilty about idling the hours away so soon after the wedding. She would never question the accepted principles governing the behavior of a wife. It was perfectly clear to her that her foremost duty was to adopt the customs and ways of the Matanis. (ARIYOSHI; trad.: Tahara, 1980, p. 30)

Hana aprende a tocar *koto* e outras artes tradicionais com influência da avó, como mostra a passagem: “Hana had been thoroughly trained in the art of the tea ceremony and she wrote a beautiful hand. She had also received a certificate for her skill playing the *koto*, and she had learned under Toyono’s tutelage to speak with grace and behave elegantly” (ARIYOSHI; trad.: Tahara, 1980, p. 11). Porém, após se casar, Hana percebe que os Matani não demonstram interesse nestas artes tradicionais tão apreciadas por ela, portanto as deixa de

lado por um tempo. Hana tem o desejo de continuar se dedicando ao *koto*, mas o dever de se tornar uma boa esposa é mais urgente, e para isso ela precisa se adaptar aos costumes dos Matani. Como muitas mulheres no período Meiji, Hana aceita sua posição no novo lar, não tendo espaço para questioná-la.

Nesta época, para as mulheres, se casar sempre significava uma mudança de família, ou seja, significava deixar de fazer parte da família de origem para entrar em outra. Se o marido fosse filho mais velho, a sua esposa passava a morar na casa da família dele, costume já existente antes do período Tokugawa que ainda prevalecia (PYLE, 1996). Isto significava que o casal não devia começar uma nova vida em conjunto, e sim a esposa devia se adaptar à vida do marido, se submetendo às regras já estabelecidas. Assim, sendo Keisaku o filho mais velho dos Matani, Hana sabe que é necessário se esforçar para pertencer ao lar dele, seguindo os costumes da família.

Hana então deixa de lado as atividades apreciadas por ela e se dedica às tarefas do lar com empenho, como mostra a passagem em que Keisaku recebe vários soldados que vão se hospedar em sua casa:

Although she was in an advanced stage of pregnancy, Hana worked diligently to see that the men's night clothes were laundered and that the *miso* soup was seasoned just right so that the young soldiers from Shikoku would have a pleasant stay (ARIYOSHI; trad.: Tahara, 1980, p. 58).

Mesmo com a esposa grávida, não há indicação de que Keisaku a ofereça ajuda com as tarefas necessárias para receber os hóspedes, nem de que Hana se importa em tomar conta de tudo sozinha. Hana entende que é dever apenas da mulher cuidar das tarefas da casa, e dessa forma ela está assumindo seu papel como uma boa esposa, complementando as atividades do marido. Provavelmente, mesmo que Keisaku se oferecesse para ajudar nas tarefas domésticas, Hana não concordaria, por acreditar nesta divisão de papéis entre marido e mulher amplamente aceita na época.

Hana continua com sua dedicação às tarefas de casa e ao marido, inclusive depois de descobrir que ele é infiel. Keisaku passa a maior parte do tempo numa cidade próxima chamada Masago, e lá ele tem um chalé onde se encontra com sua amante. Hana então convence o marido a comprar uma mansão nesta cidade para que eles passem a morar lá, única forma que ela encontra ganhar algum controle sobre a situação. Aqui há a indicação de que Hana sabe da infidelidade:

The tiny cottage he had bought for his mistress was located in Masago-chô. [...] Hana had not once complained about the night she spent away from home, and yet

here she was urging him to buy this spacious mansion in Masago-chô. Keisaku could not help suspecting that his wife's words were inspired by jealousy. (ARIYOSHI; trad.: Tahara, 1980, p. 130)

Hana nunca fala diretamente a Keisaku que sabe da sua traição, mas fica claro pelos indícios na história que ela sabe.

Neste período, no Japão, adultério era considerado errado, porém apenas quando cometido pela mulher (SIEVERS, 1983, p. 111). Homens continuavam a visitar os quarteirões de entretenimento e os distritos da luz vermelha, e a manter amantes. Portanto, a infidelidade dos homens continuava amplamente aceita pela sociedade, como no período Tokugawa, e as mulheres muitas vezes viam-se obrigadas a se resignar diante disto.

No entanto, nem todos concordavam com o fato das mulheres terem que aceitar este tipo de tratamento. E entre os que não concordavam, houve dois conhecidos estudiosos, Mori Arinori e Fukuzawa Yukichi, em 1874, apoiando que as atitudes dos japoneses deveriam mudar. Em seus escritos, eles pediam que os homens da sociedade japonesa parassem de manter concubinas e que começassem a tratar as mulheres mais humanamente. Para Fukuzawa, o sistema de concubinas tinha transformado a família numa instituição inumana, onde não havia responsabilidade ética. Mori demonstrava apoiar a ideia de que homens e mulheres tivessem igualdade dentro do casamento, o que significava que nenhum dos dois deveria manter amantes e que ambos teriam igual direito de pedir divórcio (SIEVERS, 1983, p. 20).

Porém, Mori e Fukuzawa ficaram surpresos quando começaram a ser descritos como defensores dos direitos das mulheres, pois nenhum dos dois queria ser identificado por essa descrição. Pode parecer muito contraditório, mas o fato era que eles queriam focar nos direitos das mulheres apenas dentro da família, sem mencionar os papéis assumidos por elas em outros lugares. O argumento construído para isso era que “mulheres japonesas não estavam ‘preparadas’ para papéis sociais significativos fora da família, mas elas eram mais do que capazes de assumir grande poder na família para influenciar e educar as futuras gerações do Japão<sup>6</sup>” (SIEVERS, 1983, p. 22, tradução nossa).

Voltando a Hana, pode-se notar que ela de fato tem algum poder na família e exerce sua influência na educação dos filhos. Hana e Keisaku tem 5 filhos durante a história, e Hana é a principal responsável por eles, como mostra o trecho: “[...] she had a large family of two boys and three girls. Keisaku's duties kept him away from home much of the time, and so

---

<sup>6</sup> Japanese women were not ‘ready’ for significant social roles outside the family, but they were more than capable of assuming greater power in the family to influence and educate Japan’s future generations.

Hana had to take full responsibility for the children's education" (ARIYOSHI; trad.: Tahara, 1980, p. 104). Aqui há um exemplo da divisão de papéis entre esposa e marido que era estabelecida na época, onde o marido, Keisaku, se mantém ocupado com sua carreira, enquanto a mulher, Hana, assume responsabilidade pela criação dos filhos.

Desde jovem, Hana é educada para aceitar que este será um dos seus principais papéis, como mostra a passagem: "Hana, who had been educated at Wakayama Girls' School, firmly believed that the role of women was to bear children in order to preserve the family line" (ARIYOSHI; trad.: Tahara, 1980, p. 9). Nesta época, assim como nos anos anteriores, garantir a continuidade da família ainda era considerado um dever moral, portanto, gerar filhos era uma obrigação para os casais. Já a educação dos filhos era uma obrigação quase exclusiva das mulheres.

Assim, quando se trata dos seus próprios filhos, Hana assume certo controle. Nota-se isto num trecho em que ela insiste que Keisaku não deve segurar seu filho no colo para não mimá-lo, dizendo: "No, you mustn't carry him!". E após isto: "Keisaku looked at his wife in surprise. Elegant and obedient, Hana was as beautiful as ever. And yet a look or a word was enough to keep her husband in check" (ARIYOSHI; trad.: Tahara, 1980, p. 47). Hana consegue ser uma esposa obediente, mas ao mesmo tempo é firme para impor sua vontade ao marido em algumas raras questões. Neste caso, como Hana sabe que o papel de educar os filhos é principalmente seu, ela se sente no controle, se agarrando a isto para desafiar o marido. Porém, na maioria das situações, Hana se submete a Keisaku e não mostra seu poder de se impor.

Por exemplo, Hana não age contra a infidelidade de Keisaku, provavelmente porque desestabilizaria seu relacionamento com o marido. Também porque, como já visto, adultério só era condenado pela sociedade quando cometido pelas mulheres, e normalmente aceito quando cometido pelos homens. Vê-se numa passagem que Hana não desafia o marido por sua infidelidade, mesmo após ficar claro que muitas pessoas sabem que Keisaku é infiel: "Hana had never rebuked her husband to his face. Nor had she ever, in a fit of jealous rage, confronted and challenged any of the geishas with whom her husband was amorously involved" (ARIYOSHI; trad.: Tahara, 1980, p. 149). Obviamente, Hana fica descontente com as traições do marido, mas se resigna, pois tem como um dos seus deveres ser uma boa esposa, e sabe que não tem poder para mudar a situação.

Hana não se torna ressentida com o marido por causa das traições. Ela continua apoiando-o, dando conselhos sobre a carreira política dele e encorajando-o a seguir em frente com seus objetivos. Num momento na história, quando ela e Keisaku estão conversando sobre

suas intenções para o futuro, Hana mostra confiar no potencial dele, dizendo acreditar que o marido se tornará ministro. Em seguida, há a passagem: “Keisaku was fully aware of the fact that he had come this far because of Hana’s encouragement. Half of his life had been spent sailing down a smooth river with an elegant wife at his side, who had always conducted herself with dignity” (ARIYOSHI; trad.: Tahara, 1980, p. 162). Logo depois de reconhecer esta admiração pela esposa, ele a avisa: “I’ve been thinking of taking formal lessons in the tea ceremony” (ARIYOSHI; trad.: Tahara, 1980, p. 163). Esta declaração deixa Hana muito satisfeita, pois leva a entender que ela tem influência sobre o marido fazendo-o se interessar por esse tipo de tradição, na qual no início do casamento ele não demonstrava nenhum interesse. Provavelmente, a vontade de Keisaku de aprender a cerimônia do chá vem de um sentimento de culpa, numa tentativa de compensar Hana, pois ela sempre está disposta a ajudá-lo e mesmo assim ele frequentemente a trai e raramente leva em consideração os sentimentos dela, dando pouca atenção à esposa.

Assim, percebe-se uma grande desigualdade dentro do casamento dos personagens, com Hana sempre se preocupando com Keisaku e procurando incentivá-lo, quase como uma figura materna, enquanto ele raramente mostra a mesma preocupação com Hana. Ela tem como prioridade ser uma boa esposa, enquanto Keisaku não está tão focado em ser um bom marido. Afinal, a realidade é que este aspecto nunca foi reforçado na educação dos homens, e a sociedade não os pressionava a agirem como bons maridos e pais. O papel reforçado para eles era de trabalhadores, que ajudassem o país a crescer, enquanto seus papéis dentro da própria família não eram levados em conta. O costume era o homem cumprir seu papel como trabalhador enquanto sua esposa agia à sombra dele, como apoiadora do marido, garantindo que ele mesmo não tivesse que cuidar de nenhuma tarefa doméstica.

Mas Hana não se sente injustiçada com esta desigualdade, nem se sente submissa a Keisaku. Na verdade, ela sente estar cumprindo com os seus deveres, realizando o trabalho imposto pela sociedade. Numa passagem que ocorre já no final da obra, quando Hana está perto da morte e tem uma conversa com uma de suas netas, ela diz: “[...] I never thought of myself as being submissive. All I’ve done was to work as hard as I could” (ARIYOSHI; trad.: Tahara, 1980, p. 234). Hana fala sobre como trabalhou para apoiar o marido em todos os momentos da carreira, sentindo que estava apenas cumprindo seu papel, com a principal intenção de ajudar Keisaku. Hana pensa dessa forma, e por isso não se considera submissa ao marido, e sim uma mulher fazendo o que pode para realizar seus deveres na família.

Claramente, Hana é a representação da *ryôsai kenbo*, desde jovem recebendo educação voltada para se tornar esposa e mãe, e fazendo parte de um contexto que lhe dificulta outras

escolhas. Assim, ela faz de tudo para aceitar e cumprir bem seus papéis, realizando as tarefas domésticas, incentivando o marido e cuidando da família da melhor forma possível. Porém, nem todas as mulheres japonesas da época se encaixavam neste modelo de *ryôsai kenbo*, e nem todos concordavam que este deveria ser o modelo imposto para as mulheres.

Dessa forma, a ideologia resumida na *ryôsai kenbo* falhou em ser hegemônica, em parte porque muitas mulheres tinham vidas que não correspondiam a este ideal. Havia mulheres que precisavam trabalhar fora para viver ou para ajudar suas famílias, sendo que apenas as de classes mais altas, como é o caso da personagem Hana, podiam ser donas de casa e mães em tempo integral. Mulheres do campo normalmente trabalhavam em fazendas, junto aos seus maridos, ou em fábricas têxteis (SEGAL, 2015, p. 9).

Inclusive, as mulheres tiveram um papel essencial como força de trabalho no período Meiji, representando cerca de 60 por cento dos trabalhadores das indústrias de 1894 a 1912 (SIEVERS, 1983, p. 55). O sucesso da Industrialização japonesa se deu graças a estas mulheres, porém os custos sociais foram enormes. Geralmente recrutavam-se filhas de fazendeiros das famílias mais pobres para trabalhar nas fábricas têxteis, já que eram essas famílias que mais precisavam de ajuda financeira. Muitas das que iam para essas fábricas acabavam tendo que trabalhar de 12 a 15 horas por dia, em condições opressivas e insalubres, por isso, algumas não aguentavam as péssimas condições de trabalho e acabavam fugindo (PYLE, 1996).

Assim, muitas mulheres tinham que assumir papéis que não desejavam, pois pertenciam a classes sociais mais baixas e eram obrigadas a trabalhar nas fábricas para ajudar a família. Já mulheres que viviam em áreas urbanas podiam assumir posições como secretárias, professoras, vendedoras, entre outras ocupações, e estas tinham condições de vida mais decentes. Mas quando se casavam, algumas precisavam continuar trabalhando fora, pois a renda do marido nem sempre era suficiente para manter a família. Como era do conhecimento geral que as tarefas domésticas eram dever somente da mulher, não havia nenhuma pressão para que os maridos ajudassem com estas tarefas, e as esposas tinham que se esforçar para conseguir cumprir todos os seus deveres.

Outro motivo pelo qual a ideologia da *ryôsai kenbo* falhava em ser hegemônica era que, no período Meiji, já havia pessoas e grupos que iam contra este ideal de mulher. Alguns expressavam suas opiniões críticas e visões diferentes sobre as mulheres, através de protestos e escritos, e algumas mulheres mostravam o desejo de se libertar do sistema familiar e ter o direito de participar da política (UNO, 1993, p. 294). Em 1911, final do período Meiji, foi criada a revista *Seitô* (em inglês, *Bluestocking*), famoso exemplo de local onde eram expostos

temas que iam contra o ideal de mulher da época. Hiratsuka Raishô, a principal criadora da revista, dizia que no início seu objetivo era apenas de encorajar e promover os talentos criativos de mulheres. Mas, ao abordarem nas páginas da revista assuntos como sexualidade e autodescoberta, estas mulheres foram criticadas e censuradas. Por isso, em 1913, decidiram começar a lidar com as questões das mulheres japonesas na revista, em resposta aos ataques dirigidos a ela.

Mas isto entra em outro período da história japonesa, o período Taishô. É neste período que vive Fumio, a filha mais velha de Hana, que será analisada a seguir.

#### 4. FUMIO E A MULHER JAPONESA NO PERÍODO TAISHÔ

A personagem Fumio de *Ki no Kawa*, que será analisada neste capítulo, cresceu durante o período Taishô (1912 a 1926). Assim, serão analisadas as mudanças que ocorreram para as mulheres japonesas neste período, explicando como muitas mulheres passaram a questionar sua posição na sociedade e ir contra o ideal de *ryôsai kenbo*. O objetivo será analisar de que forma a personagem Fumio representa as mulheres japonesas da sua época. Porém, antes disso é necessário explicar brevemente o que foi o período Taishô para o Japão.

Em 1912, com a morte do imperador Meiji e seu sucessor Yoshihito assumindo o trono, iniciou-se o período Taishô. O processo de modernização e as influências do ocidente continuaram durante este período, com uma crescente aceitação de ideias ocidentais. Na política, novos partidos eram formados e ganhavam força. A segunda metade do período Taishô foi marcada por um clima liberal, conhecido como “democracia Taishô”. Houve o crescente despertar das massas para a política e o aparecimento de movimentos liberais, por vezes radicais, de reforma (PYLE, 1996). O povo japonês protestava principalmente pelo estabelecimento do sufrágio universal, já que nesta época havia o requisito de ter uma renda mínima para ter o direito de votar no país. O sufrágio universal masculino foi garantido aos japoneses em 1925, porém as mulheres só conseguiram direito ao voto muitos anos depois disto.

Durante o período Taishô, cada vez mais mulheres estudavam, e por volta de 1920, virtualmente todas as meninas adquiriam educação compulsória de 6 anos. Além disso, mais de 150.000 mulheres alcançavam níveis mais altos de estudo (*chûgakkô* e *kôtôgakkô*)<sup>7</sup> (PYLE, 1996). Para um grupo seletivo, havia a possibilidade de estudar em locais como, por exemplo, a Faculdade Tsuda para Mulheres (*Tsuda Juku Daigaku*), inicialmente nomeada Instituto de Estudos de Inglês para Mulheres (*Joshi Eigaku Juku*), fundada em 1900 por Tsuda Umeko; ou a Universidade de Tóquio para Mulheres (*Tôkyô Joshi Daigaku*), fundada em 1918 por Nitobe Inazô. Com cada vez mais mulheres estudando e entrando em contato com novas ideias, começaram a surgir organizações femininas e um pequeno, mas notável, movimento feminista. Neste contexto, a expressão *atarashii onna* (novas mulheres) passou a ser usada para designar as mulheres que queriam mudar sua posição na sociedade japonesa (HORIMOTO, 1999, p. 5).

---

<sup>7</sup> A educação japonesa é estruturada da seguinte forma: os 6 primeiros anos de escola, incluindo estudantes dos 6 aos 12 anos de idade, são denominados *shôgakkô*; os próximos 3 anos, incluindo estudantes de 12 a 15 anos, são denominados *chûgakkô*; e os últimos 3 anos, incluindo estudantes de 15 a 18 anos, são denominados *kôtogakkô*.

Um dos mais importantes e famosos veículos em que as “novas mulheres” expressavam suas ideias era a revista *Seitô*. Até 1913, a *Seitô* era uma revista literária, mas neste ano se tornou fórum de discussões sobre questões femininas sociais e políticas (SIEVERS, 1983, p. 181). No mesmo ano, a revista patrocinou uma conferência sobre questões femininas, levantando temas como a luta pela liberdade e independência econômica das mulheres, e cobrindo os debates em sucessivas edições. Logo depois, duas das revistas mais importantes do Japão neste período, a *Taiyô* (O Sol) e a *Chûô Kôron* (Revisão Central), publicaram edições especiais com o tema “problemas femininos” (SIEVERS, 1983, p. 175). Nesta época, as escritoras da *Seitô* e mulheres que se envolviam nas atividades da revista passaram a ser vistas como símbolos das “novas mulheres” no Japão.

A expressão “novas mulheres” aparecia com frequência nos jornais, normalmente em críticas severas dirigidas a estas mulheres. A “nova mulher”, para grande parte do público e da imprensa, significava uma “jovem indulgente e irresponsável, que usava sua sexualidade superdesenvolvida para minar a família e manipular os outros para seus propósitos egoístas<sup>8</sup>” (SIEVERS, 1983, p. 175, tradução nossa). Entre os críticos das novas mulheres, estava o famoso jornal *Asahi Shinbun*, o qual publicou artigos concluindo que estas mulheres iriam sofrer consequências negativas no futuro por abandonarem as virtudes tradicionais femininas (HORIMOTO, 1999, p. 82). Já as que eram consideradas “novas mulheres” enfatizavam sua luta por autonomia e igualdade, e ligavam sua emergência à do feminismo internacional (SIEVERS, 1983, p. 175-176).

Mesmo com as críticas negativas às novas mulheres e à *Seitô*, inclusive com o banimento de algumas edições, a revista continuou sendo publicada até 1916, continuando com as discussões sobre questões feministas. Exemplos do seu impacto na sociedade podiam ser vistos em várias escolas para meninas, que chegaram a proibir as estudantes de assinarem a revista. Afinal, nesta época a educação para meninas ainda tinha o propósito de formar *ryôsai kenbo*. A própria diretora da Faculdade Tsuda para Mulheres, Tsuda Umeko, demonstrava opiniões desfavoráveis sobre a *Seitô* e aconselhava as estudantes a não lerem a revista. Na época houve uma professora, Kamichika Ichiko, que foi expulsa de seu cargo apenas por ter participado do grupo da *Seitô* no passado. Por outro lado, a revista foi responsável por despertar a consciência de várias pessoas no Japão para os problemas das mulheres, dando força aos debates sobre questões femininas, e atraiu a atenção de muitas mulheres por focar em problemas pelos quais elas realmente passavam.

---

<sup>8</sup> indulgent and irresponsible young Japanese woman, who used her overdeveloped sexuality to undermine the family and to manipulate others for her own selfish ends.

No mesmo ano do fim da *Seitô*, 1916, surgiu uma nova revista tratando de problemas femininos, a *Fujin Kôron*, criada por escritores da revista *Chûô Kôron* e publicada até os dias de hoje. Os artigos eram escritos por homens e mulheres, principalmente estudiosos, professores e pensadores. Estes artigos lidavam com uma grande variedade de questões femininas, como amor e casamento, vida familiar, mulheres em profissões, contracepção e até mesmo sufrágio feminino (HORIMOTO, 1999, p. 109-110). Com esta revista, os problemas femininos passaram a ser levados a sério por intelectuais de vários círculos, sendo assim um importante local para as “novas mulheres” expressarem suas ideias.

Nota-se que o desenvolvimento dos meios de comunicação no período Taishô, principalmente a criação de diferentes revistas, foi essencial para as “novas mulheres”, pois abriu espaços nos quais elas podiam se expressar e assim serem notadas (TANAKA, 2000, p. 137). Além disso, o clima liberal do período ajudou estas mulheres a ganharem confiança para iniciar as discussões sobre questões femininas da época. Assim, grande parte do Japão tinha conhecimento das “novas mulheres”, desenvolvendo diferentes opiniões sobre suas atividades.

Em *Ki no Kawa*, a personagem Fumio, filha de Hana, representa a mulher japonesa do período Taishô, influenciada pelo clima mais liberal, pela modernidade e pelas ideias das “novas mulheres” da sua época. Hana, ao contrário da filha, representa o ideal da *ryôsai kenbo*, por isso as duas vivem em constante conflito. A mãe faz o possível para passar os valores e as tradições japonesas à filha, tentando fazê-la aceitar os papéis tradicionais da mulher, mas Fumio segue suas próprias vontades.

A personagem estuda na mesma escola em que sua mãe estudou, mas recebe grande influência de um professor chamado Tamura, que devido às suas ideias acaba sendo expulso da escola, como mostra o trecho:

Mr. Tamura was a young Japanese language teacher who had come to his new post in Wakayama when Fumio first enrolled in the school. [...] he set aside the textbooks during his classes and expounded upon ‘freedom’ and ‘democracy’. [...] Wakayama’s Girls’ School, whose motto was ‘Be Good Wives and Wise Mothers’, found the presence of such a teacher extremely embarrassing [...] Persecuted by his superiors, he was finally expelled from the teaching profession. (ARIYOSHI; trad.: Tahara, 1980, p. 94-95)

Esta explicação ocorre durante uma conversa entre Hana e os professores de Fumio, que relembram à mãe como sua filha criou problemas na época: descontente com a saída do professor Tamura, Fumio chega a organizar as garotas da escola num protesto, o que traz como resultado sua repreensão pelos diretores.

Qualquer professor como Tamura obviamente não seria aceito em uma escola para meninas, voltada para formar *ryôsai kenbo*, principalmente durante uma época em que as mulheres ainda eram proibidas de participar da política. Afinal, falar sobre temas como democracia podia levar as estudantes a desejarem participar da política no futuro, o que obviamente não era o objetivo da educação para meninas no período Taishô.

Mesmo assim, nesta época havia várias mulheres japonesas interessadas em conseguir o direito de participação política, acompanhando os movimentos sufragistas femininos que ocorriam em outras partes do mundo. Em 1919, Hiratsuka Raichô começou a lutar neste sentido, e com a ajuda de outras circulou uma petição pela revisão da lei que proibia as mulheres de participarem de atividades políticas (HANE, 1992, p. 214). No ano seguinte, foi criada a Associação das Novas Mulheres (*Shin Fujin Kyôkai*), pedindo por oportunidades iguais para mulheres e sufrágio universal feminino. Tornava-se evidente a existência do movimento sufragista feminino no Japão, porém, apenas em 1946 as mulheres japonesas ganharam direito ao voto. O melhor que elas conseguiram neste período foi, em 1922, o direito de participar e promover reuniões políticas, apesar de continuarem sem poder se juntar a partidos políticos. Em 1924, foi organizada a Liga pela Obtenção dos Direitos Políticos das Mulheres (*Fujin Sanseiken Kakutoku Kiseidômei*), que não chegou a obter resultados na época (HANE, 1992, p. 214).

O governo japonês não tinha interesse em atender aos movimentos das mulheres. Em 1921, Fujimura Yoshiaki, importante membro da Dieta, se declarou claramente contra o sufrágio feminino. No seu discurso, ele dizia que o sufrágio feminino era antinatural, e não era parte da missão das mulheres se juntar aos homens em atividades políticas, pois isso iria contra o sistema familiar (HORIMOTO, 1999, p. 105). Ainda insistia-se em promover o ideal da *ryôsai kenbo*, e “até o final da Segunda Guerra Mundial, ‘boa esposa, mãe sábia’ crescentemente impregnou os meios de comunicação e as escolas públicas e privadas para garotas, instituições que influenciavam os escalões superiores da sociedade, e constituiu o discurso oficial sobre mulheres no Japão<sup>9</sup>” (UNO, 1993, p. 294, tradução nossa). Ou seja, o modelo de boa esposa e mãe sábia ainda iria prevalecer na sociedade japonesa por um longo tempo, mesmo com o surgimento das novas mulheres no país.

Em *Ki no Kawa*, um dos maiores desejos de Hana é que Fumio procure seguir o modelo de boa esposa e mãe sábia no futuro, aceitando estes papéis como prioritários. Com

---

<sup>9</sup> until the end of World War II, ‘good wife, wise mother’ increasingly pervaded the mass media and the public and private girls’ schools, institutions that influenced the upper ranks of society, and came to constitute the official discourse on women in Japan.

este objetivo, Hana pretende arranjar um casamento para a filha o mais cedo possível. Porém, Fumio tem desejos diferentes, por exemplo, continuar os estudos na Universidade de Tóquio para Mulheres, como mostra a passagem: “Thoughts of Tokyo Women’s College, an institution that had been established in 1918, and her own private hopes filled Fumio’s heart and set her dreaming” (ARIYOSHI; trad.: Tahara, 1980, p. 98). Hana se posiciona contra esta decisão da filha, pois sabe que em Tóquio não vai haver ninguém para incentivá-la a ter interesse nos assuntos do lar. Assim, Hana expressa sua preocupação para o marido na fala: “I’m terribly worried because Fumio takes no interest at all in affairs of the home” (ARIYOSHI; trad.: Tahara, 1980, p. 99). Porém, como Keisaku sabe que nem mesmo Hana é capaz de fazer Fumio se interessar nesses assuntos, ele concorda em deixar a filha ir.

Como Hana quer arranjar um casamento para Fumio, se preocupa que a filha não atraia nenhum pretendente por não saber como cumprir seu papel de cuidar da casa. Para Hana, a única forma de uma mulher viver na sociedade, ou ao menos a forma mais correta, é aceitando seu lugar na família, como ela mesma sempre aceitou. Mas a filha não tem o menor interesse em se adequar aos papéis que a mãe exerceu sua vida toda. Seguindo o pensamento das “novas mulheres”, Fumio quer liberdade para si mesma, desejando sair do controle da família e estudar em Tóquio. Enquanto isto não ocorre, Fumio age contra todas as vontades de Hana e se recusa a aprender o que ela tenta lhe ensinar.

Num dos momentos em que desafia sua mãe, Fumio é presa no armazém da casa como forma de castigo, e lá ela encontra revistas femininas que pertenceram a Hana. Neste momento, pela primeira vez há indicação que Fumio teve contato com o pensamento das “novas mulheres” da época, como mostra a passagem:

Fumio sat down on the cushion and looked intently through the old magazines. [...] The writings of such women as Hiratsuka Raichô and Otake Kôkichi, enthusiastically advocating the extension of women’s rights, were scattered throughout the volumes. Fumio found it incredible that her mother had once read these articles. (ARIYOSHI; trad.: Tahara, 1980, p. 124)

Na passagem, há referência à criadora da *Seitô*, Hiratsuka Raichô, que abriu a primeira edição da revista com uma de suas mais famosas redações: 原始、女性は太陽であった (*Genshi, josei wa taiyô de atta*), em tradução: “No começo, a mulher era o sol”, em que ela pedia pela emancipação das mulheres (HORIMOTO, 1999, p. 68). Também há referência a outra famosa escritora da revista, Otake Kôkichi, mais conhecida como Otake Kazue, autora de histórias que causaram polêmica em torno das primeiras edições da *Seitô*.

Fumio fica surpresa porque a mãe continua defendendo os antigos costumes, mesmo depois de conhecer as ideias das “novas mulheres”, que lutavam pelos direitos femininos e contra a opressão sofrida pelas mulheres. Principalmente Hiratsuka Raichô foi responsável por escrever várias redações e artigos contra esta opressão.

Por exemplo, numa redação publicada na edição especial da *Chûô Kôron* sobre problemas femininos, Raichô se declara uma “nova mulher” e enfatiza acima de tudo sua revolta com a opressão masculina:

A nova mulher; Eu sou uma nova mulher [...] A nova mulher amaldiçoa o ontem [...] A nova mulher não está satisfeita com a vida do tipo de mulher que é feita ignorante, feita de escrava, feita de pedaço de carne pelo egoísmo masculino [...] A nova mulher busca destruir a velha moralidade e leis criadas para vantagem masculina<sup>10</sup> (SIEVERS, 1983, p. 176, tradução nossa).

Uma tradução da redação de Raichô foi publicada no jornal em língua inglesa “The Japan Times”, sob o título “The New Women in Japan”, com comentários escritos pelo próprio tradutor, o repórter Hanazoko Sada. Nos comentários, ele ressaltou que as mulheres no Japão estavam mudando, pois agora preferiam buscar a própria independência e liberdade do que apenas viver à sombra dos homens, se tornando esposas e mães (HORIMOTO, 1999, p. 82).

Depois de encontrar escritos das “novas mulheres”, há exemplos de como as ideias delas tiveram influência sobre Fumio. Depois de ir para Tóquio estudar, ela começa a passar também as férias de verão no local, sem vontade de retornar para o controle da sua mãe em Wakayama. Durante este período, Fumio e outros estudantes produzem uma revista juntos, e assim ela se torna absorta com a escrita de artigos:

The words “women’s rights” appeared frequently in her essays. [...] All of Fumio’s articles expressed her feelings of indignation toward a society dominated by men. In her essays she vehemently attacked “members of the same sex who allow men to oppress them. (ARIYOSHI; trad.: Tahara, 1980, p. 135)

Assim como as escritoras da *Seitô*, Fumio defende os direitos das mulheres e se mostra contra a sociedade dominada pelos homens. Curiosamente, esta passagem leva a entender que Fumio se revolta mais com as mulheres que permitem ser oprimidas do que com os seus opressores.

---

<sup>10</sup> The new woman; I am a new woman [...] The new woman curses yesterday [...] The new woman is not satisfied with the life of the kind of woman who is made ignorant, made a slave, made a piece of meat by male selfishness [...] The new woman seeks to destroy the old morality and laws created for male advantage.

Assim, vendo Hana como uma mulher oprimida que se conforma com sua situação, Fumio desconta sua revolta nela, constantemente criticando-a. Por exemplo, no momento em que a filha percebe que Hana faz tudo que a sogra, Yasu, lhe pede, ela expressa suas ideias: “It’s entirely your fault, mother. You keep doing everything Grandmother asks you to... You’re so bound up with the idea that a woman should be devoted that you’ve become a slave to the family” (ARIYOSHI; trad.: Tahara, 1980, p.104). Fumio critica Hana por não fazer nada para mudar sua posição na família, mas a mãe ignora as críticas da filha e não muda sua forma de agir. As ideias de Hana sobre qual deve ser a posição da mulher foram ensinadas a ela desde cedo, e o contato com novos pensamentos não a faz querer lutar contra tudo que sempre acreditou ser certo. Além disso, Hana não se vê como uma escrava, sentindo que está apenas cumprindo seu papel como mulher ao se devotar à família.

Hana também acredita estar cumprindo seu papel ao tentar arranjar um casamento para Fumio, como o dela, dessa forma seguindo o costume e acreditando ser o melhor para sua filha. Porém, Fumio quebra as expectativas da mãe e escolhe seu próprio marido em Tóquio, avisando aos pais através de uma carta. Nesta carta, Fumio se declara apaixonada por Harumi Eiji e decidida a se casar com ele. Na época, a escolha de Fumio significava ir contra a tradição, já que ainda era costume que os pais arransassem os casamentos para as mulheres.

Esta falta de liberdade que as mulheres sofriam para escolher seus parceiros, como também a falta de liberdade encontrada dentro do casamento, eram questões ainda muito presentes no período Taishô, em que o Código Civil continuava submetendo as mulheres ao sistema familiar. Segundo Horimoto (1999, p. 108), os principais temas abordados na revista *Seitô* eram a falta de liberdade no amor e no casamento, porque estas eram as questões que mais atormentavam as mulheres no período. Hiratsuka Raichô mostrava em seus escritos que não se submeteria ao casamento como ele existia na sociedade japonesa daquele tempo, deixando as mulheres sem liberdade e direitos, e aconselhava todas as mulheres japonesas a seguirem seu exemplo (SIEVERS, 1983, p. 179).

Porém, Fumio se casa com Eiji por escolha própria e não por obrigação, conseguindo a permissão do pai para realizar o casamento e fazendo Hana se sentir arrependida por não ter decidido escolher o marido da filha antes, como mostra o trecho: “Hana was tormented by feelings of deep remorse that Fumio had not been married off immediately after her graduation” (ARIYOSHI; trad.: Tahara, 1980, p. 144). Mesmo sem concordar com a atitude da filha, Hana comparece à cerimônia e ao banquete de casamento, novamente se decepcionando, porque o casal escolhe organizar tudo no estilo ocidental: “Hana was not altogether happy and bowed her head in embarrassment throughout the Western style

banquet” (ARIYOSHI; trad.: Tahara, 1980, p. 145). Hana se decepciona por não conseguir passar à filha sua apreciação pelas tradições japonesas, pois Fumio acaba se interessando mais pela modernidade e em costumes vindos de fora.

Numa carta que Fumio envia para Hana depois do casamento, ela escreve o trecho: “Our motto is a modern life-style” (ARIYOSHI; trad.: Tahara, 1980, p. 154), indicando que o casal abraça a modernidade existente no período Taishô. Os dois estão sempre viajando, e não há na obra descrições sobre como eles levam a vida casados, portanto só se sabe o que Fumio conta para seus pais nas cartas. Há um exemplo de como ela incorpora a modernidade na forma de se vestir, na descrição de uma foto enviada para a mãe: “Fumio’s outfit was an imitation of Clara Bow, the American movie actress; it was then considered the height of fashion among the ultra-modern girls of Japan” (ARIYOSHI; trad.: Tahara, 1980, p. 166). Clara Bow, citada na passagem, foi uma grande estrela do cinema nos anos 1920, e uma importante influência na moda da época. Ela era considerada uma *flapper*, normalmente identificada como uma mulher que desafiava várias barreiras impostas pela sociedade, com atitudes como usar cabelo curto e maquiagem forte, beber e fumar, e exercer a liberdade sexual.

No Japão, também nos anos 1920, surgiram jovens mulheres conhecidas como *moga* (abreviação de *modaan gaaru*, garota moderna), cujo estilo de vida era influenciado pelo das *flapper* ocidentais, rejeitando o modelo tradicional de mulher no Japão (DUNN, 2007). Fumio provavelmente pôde se familiarizar com estas mulheres e foi influenciada por elas durante sua estadia em Tóquio, enquanto cursava a universidade. Ela costumava frequentar cafés nesta época, locais que eram vistos como ambientes masculinos, como mostra o trecho em que Keisaku descreve para Hana uma parte da carta escrita por Fumio: “She says that since men and women have equal rights, women should go to places frequented by men. Therefore, she goes regularly to cafés” (ARIYOSHI; trad.: Tahara, 1980, p. 133). Os cafés de estilo europeu eram os lugares mais frequentados pelas *moga* no período Taishô, principalmente em Ginza, bairro considerado a “pequena Europa” de Tóquio (HOFFMAN, 2012). Frequentar cafés, que eram considerados locais inapropriados para mulheres, era um exemplo de como as *moga* desafiavam costumes da época.

Mas apesar de Fumio estar tão ligada com a modernidade do período e com o pensamento das “novas mulheres”, ainda assim ela se volta para as tradições japonesas em alguns momentos. Fumio e Eiji tem o primeiro filho, que cresce saudável, mas o segundo sofre um acidente e morre ainda jovem. Assim, quando Fumio fica grávida pela terceira vez, ela tem medo de perder a criança e pede para Hana que lhe auxilie: ““Mother, how do you

make a breast charm?” (ARIYOSHI; trad.: Tahara, 1980, p. 171). No início da história, há uma explicação do amuleto ao qual Fumio se refere: “These charms, part of the breast cult popular among the people in these area, were offered for a safe delivery by women” (ARIYOSHI; trad.: Tahara, 1980, p. 8). Assim, fazendo amuletos com a ajuda de Hana e oferecendo-os no templo budista como na tradição, Fumio se sente mais segura em relação ao bebê.

Quando sua filha nasce, Fumio se volta para as tradições japonesas novamente, pedindo à mãe que vá consultar um adivinho, chamado Kinoshita, para escolher o melhor nome para a criança. Hana tem o costume de consultar este adivinho, mas se surpreende porque a filha sempre foi muito racional e nunca acreditou em adivinhação, como mostra a passagem:

Mr. Kinoshita was a diviner who [...] gave advice on the building of houses, and selected names for children. Hana often went to him when she had a problem [...] Fumio, who had never believed in divination, was now asking her mother to have Mr. Kinoshita choose a name for the baby (ARIYOSHI; trad.: Tahara, 1980, p. 174).

Assim, o adivinho escolhe o nome de Hanako para a menina.

Fumio procura estas tradições justamente quando passa a assumir o papel de mãe, mostrando como ela começa a pensar em seus filhos como prioridade, e a partir disso, compreende a própria mãe e procura o apoio dela. Hana fica surpresa porque Fumio, que sempre preferia a modernidade à tradição, agora buscava tradições se mostrando uma mãe muito dedicada a seus filhos. Na obra, não há indicação de que Fumio trabalha fora de casa, apenas seu marido cumpre este papel, e como ele tem que viajar muito por causa do trabalho, Fumio o acompanha. Apesar de Fumio se posicionar contra a devoção da mulher à família, criticando Hana, ela acaba se tornando muito dedicada à própria família, assumindo o papel tradicional da mulher, enquanto seu marido trabalha fora.

Mas esta divisão de papéis tradicional entre marido e esposa, como já visto, não era absoluta. Desde o período Meiji, continuando durante o período Taishô, cada vez mais mulheres trabalhavam fora de casa. O termo 職業婦人 (*shokugyô fujin*), “mulheres de carreira”, passou a ser utilizado em várias revistas e publicações no período Taishô para designar estas mulheres que trabalhavam fora, e era geralmente empregado com uma conotação negativa (BUCKLEY, 1993, p. 348). Ainda não havia grande aceitação social com relação a mulheres escolhendo seguir uma carreira, e muitas pessoas procuravam se afastar destas mulheres, ou acreditavam não ser provável que conseguissem se casar por não agirem

de forma “feminina” (KOYAMA, 1961, p. 99). Ou seja, trabalhar fora não era considerado feminino e, portanto, não era visto como apropriado para uma mulher.

Isto começou a mudar no período Showa, que trouxe várias mudanças positivas para as mulheres japonesas, aumentando seus direitos e também criando incentivos para que elas trabalhassem fora. A filha de Fumio, Hanako, acompanha estas mudanças, como será analisado no seguinte capítulo.

## 5. HANAKO E A MULHER JAPONESA NO PERÍODO SHOWA

A última personagem de *Ki no Kawa* a ser analisada neste trabalho, Hanako, viveu durante o período Showa (1926-1989). Portanto, o capítulo irá inicialmente focar nas mudanças que ocorreram para as mulheres japonesas deste período, para analisar como a personagem Hanako as representa.

No período Showa, o Japão foi governado pelo imperador Hirohito, sendo este o imperador que governou durante o maior tempo na história do país. Foi um período em que ocorreram vários acontecimentos marcantes. Antes de 1945, desenvolveu-se no Japão um crescente nacionalismo e houve o fim do domínio dos partidos políticos, dando lugar ao imperialismo militar. Em 1937, o exército japonês invadiu a China, fato que deu início a uma guerra de grandes proporções entre os dois países. Em seguida, o Japão participou da Segunda Guerra Mundial, lutando ao lado da Alemanha e Itália. O exército japonês declarou sua rendição em 1945, ocorrendo em seguida a ocupação do país pelos americanos, com liderança do General Douglas MacArthur. A ocupação durou sete anos e causou várias mudanças no Japão, entre elas, o processo de democratização, seguindo o modelo americano (PYLE, 1996). Com todos estes acontecimentos, houve também várias mudanças para as mulheres no país.

Essas mudanças tiveram início com o surgimento do forte nacionalismo durante os anos 1930. Neste período, o sufrágio feminino foi redefinido como antipatriótico, e devido ao clima desfavorável, várias organizações de mulheres pararam de lutar por direitos políticos iguais aos dos homens (UNO, 1993, p. 302). Membros do governo lembravam às mulheres dos seus papéis como boas esposas e mães sábias, dando discursos em que exaltavam a superioridade das mulheres japonesas sobre as americanas, que eram consideradas egoístas por lutarem pela liberdade da mulher (SIEVERS, 1983, p. 190).

Mas mesmo que quase não houvesse mais a luta por igualdade de direitos políticos, muitas mulheres encontravam meios de mostrar a capacidade de participação feminina na política. Por exemplo, alguns grupos de mulheres começaram a defender eleições limpas e, principalmente, a aprovação da lei para proteger a maternidade. Com relação aos movimentos das mulheres do período anterior, estes novos grupos davam passos mais estratégicos, com objetivo de ganharem maior influência. Durante os anos 1930 e 1940, “ativistas femininas usavam apelos à maternidade para aumentar a atenção do público com relação às

preocupações das mulheres e para aumentar sua própria autoridade pública<sup>11</sup>” (UNO, 1993, p. 302, tradução nossa). Estas mulheres encontraram uma forma de serem ouvidas e ganharem algum poder, apelando para a função considerada uma das principais femininas, a maternidade. Os esforços delas tiveram resultados, encorajando o governo a nomear mulheres para posições de influência, por exemplo, em comitês (UNO, 1993, p.302).

Nesta época no Japão, o papel de mãe era mais reforçado e valorizado que o papel de esposa. Antes da Segunda Guerra Mundial, havia no Japão uma política nacional de encorajar mulheres a terem filhos para aumentar a população. Já durante a Segunda Guerra Mundial, “mulheres eram mobilizadas para trabalhar em fábricas de artilharia. Tomando o lugar dos homens, que eram mobilizados em número ainda maior para portar armas, mulheres preencheram papéis importantes e demonstraram suas habilidades em todos os campos de trabalho<sup>12</sup>” (KOYAMA, 1961, p. 99, tradução nossa). Logo depois que a Segunda Guerra terminou, muitas mulheres foram dispensadas de seus deveres nas fábricas e retornaram para casa, às vezes para receber a notícia de que tinham perdido o marido ou o pai em batalha. Com o Japão numa situação financeira difícil por causa da guerra, estas mulheres eram obrigadas a arranjar qualquer tipo de trabalho para se sustentar.

O aumento da quantidade de mulheres japonesas trabalhando durante e após a Segunda Guerra Mundial ao menos trouxe para elas um ponto positivo:

O requerimento por crescente participação do trabalho feminino nas indústrias nos tempos da Guerra, junto com a necessidade econômica de trabalho das mulheres para superar as dificuldades dos anos imediatamente após a Guerra, levaram a uma nova tolerância pública sobre a presença feminina na força de trabalho<sup>13</sup> (BUCKLEY, 1993, p. 348, tradução nossa).

Assim, como o trabalho das mulheres passou a ser necessário, a sociedade foi forçada a uma maior aceitação da mulher no papel de trabalhadora.

Em *Ki no Kawa*, a personagem Hanako, filha de Fumio, representa estas mulheres japonesas de sua época que cada vez mais trabalhavam fora, no caso da própria personagem, para se sustentar. Durante a infância, Hanako passa algum tempo fora do Japão com os pais, e retorna ao país na época da Segunda Guerra Mundial, morando em Tóquio. Quando a situação

---

<sup>11</sup> female activist employed appeals to motherhood to raise public awareness of women’s concerns and to increase their public authority.

<sup>12</sup> Women were mobilized to work in the ordnance factories. Taking the place of men, who were mobilized in ever greater numbers to bear arms, women filled important roles and demonstrated their abilities in all fields of labor.

<sup>13</sup> The requirement for increased female labor participation in the wartime industries together with the economic necessity of women’s work to meet the hardships of the immediate postwar years led to a new public tolerance toward a female presence in the work force.

começa a piorar, com ataques aéreos à cidade, os pais de Hanako decidem mandar ela e seus irmãos para outro local: “In late autumn of 1943, Eiji and Fumio finally decided to evacuate their children. By that time half of Hanako’s classmates had transferred to schools in the countryside” (ARIYOSHI; trad.: Tahara, 1980, p. 216). Assim, Hanako passa a morar perto de sua avó Hana em Wakayama por esta ser uma cidade na zona rural, mais segura que Tóquio naquela época.

Em Wakayama, Hanako estuda na mesma escola que sua mãe e sua avó estudaram, e lá as estudantes fazem sua parte para ajudar nos esforços da guerra, costurando uniformes para soldados:

Day after day in the classroom building which had been turned into a sewing factory, Hanako was made to sew collars on khaki uniforms. [...] She found herself spending each day sewing on khaki collars, work which she detested (ARIYOSHI; trad.: Tahara, 1980, p. 208-209).

Hanako acha o trabalho muito entediante e repetitivo, mas as estudantes não tinham outra escolha.

Quando termina a escola, Hanako volta para Tóquio para continuar estudando na mesma faculdade onde sua mãe, Fumio, estudou, e nesta época ela começa a trabalhar. Numa carta escrita para a avó, Hana, ela explica o motivo de já estar trabalhando:

As you know, I’m studying in Tokyo Women’s College [...] I’m working my way through college. Since father’s death, I’ve been receiving scholarships and working part-time to pay for my tuition and clothing. I don’t mean to boast; it’s considered quite common in Tokyo these days (ARIYOSHI; trad.: Tahara, 1980, p. 221-222).

Na obra não é explicado como ou quando Eiji falece, mas na sua ausência, não resta ninguém na família que possa dar apoio financeiro a Hanako enquanto ela estuda, por isso precisa trabalhar para si mesma.

Mesmo sendo uma família de classe alta, os familiares de Hanako encontram dificuldades financeiras durante e após a guerra. Hanako se lembra das dificuldades que passaram num trecho da mesma carta escrita para Hana: “In those awful years during the war and after the surrender, we had a struggle finding enough food” (ARIYOSHI; trad.: Tahara, 1980, p.221). Durante esta época de guerra no Japão, muitas pessoas enfrentaram dificuldade em achar alimento, e era comum terem que trocar até mesmo suas roupas por comida (KOYAMA, 1961, p. 99). Além disso, durante os dois anos após a guerra, o preço dos alimentos subiu muito por causa da inflação, e neste quadro, era natural que mulheres também tivessem que trabalhar para superar as dificuldades.

Depois da graduação, Hanako continua trabalhando e se torna uma mulher independente: “After graduating from college, Hanako found work with a publishing firm and decided to start saving some of her salary” (ARIYOSHI; trad.: Tahara, 1980, p. 223). Ela começa a juntar dinheiro com certa dificuldade, para poder visitar Hana em Wakayama. Apesar de ser muito diferente da avó, Hanako sente uma forte conexão com ela desde pequena.

Durante a última visita de Hanako a Hana, que está próxima da morte, numa conversa que ocorre entre as duas a avó mostra sua preocupação com a neta por ela estar solteira: “Hanako, how old are you? Twenty seven? You’ll make little progress finding a husband on your own [...] A woman should not become a career woman and remain unmarried” (ARIYOSHI; trad.: Tahara, 1980, p. 227). Esta fala mostra como Hana ainda considera ideal para as mulheres se tornarem esposas e mães, se preocupando que a neta poderia acabar focando-se apenas na sua carreira e não seguindo este destino. Mas as preocupações da própria Hanako são outras:

Hanako reflected upon the life she had been leading as she awaited her grandmother’s death. She took a bite of the tasty pickled radish, which was a regional delicacy, and thought that she could not be excused indefinitely from her job (ARIYOSHI; trad.: Tahara, 1980, p. 237).

Em sua última visita a Hana, Hanako sente que está apenas observando a avó chegar cada vez mais perto da morte. Também sente que já esta a tempo demais nesta espera, e se preocupa com o trabalho para o qual tem que retornar em Tóquio.

Nesta época, em que Hana chegava perto da morte, o ideal de mulher defendido por ela estava aparentemente enfraquecendo. A famosa expressão *ryôsai kenbo* deixou de ser utilizada depois de 1945, desaparecendo das escolas para meninas no Japão (UNO, 1993, p. 303). Não havia mais esforços do governo em fazer as mulheres se tornarem apenas boas esposas e mães sábias, principalmente devido à necessidade de mulheres no mercado de trabalho e das mudanças determinadas pela nova constituição.

Esta nova constituição foi criada em 1947, e os principais responsáveis por sua criação foram os americanos que ocupavam o país na época. A constituição trazia a renúncia à guerra e ao exército permanente, e reduzia o Imperador, que antes era uma figura sagrada, à posição de símbolo do Estado e da unidade do povo (PYLE, 1996). Para os direitos das mulheres no Japão, a constituição foi um ponto decisivo. Um dos artigos estabelecia: “Todas as pessoas são iguais perante a lei e não deve haver nenhuma discriminação em relações políticas,

econômicas ou sociais devido a raça, credo, sexo, status social ou origem familiar<sup>14</sup>” (BUCKLEY, 1993, p.347, tradução nossa). Também foi estipulado que casamentos deveriam ser realizados apenas com o consentimento de ambas as partes, e teria como base igualdade de direitos para o marido e a esposa. Além disso, de acordo com a constituição:

Com relação à escolha de cônjuge, direitos de propriedade, herança, escolha de domicílio, divórcio e outros assuntos referentes ao casamento e à família, leis devem ser promulgadas do ponto de vista da dignidade individual e da igualdade essencial dos sexos<sup>15</sup> (BUCKLEY, 1993, p.347, tradução nossa).

Ou seja, a nova constituição contribuiu muito para os direitos das mulheres após a Segunda Guerra Mundial.

Também aumentando os direitos femininos, em 1945 foi determinado que mulheres pudessem se juntar a partidos políticos, e o sufrágio feminino foi estabelecido em 1946. Além disso, incentivando as mulheres a entrarem no mercado de trabalho, surgiu a Lei das Normas de Trabalho em 1947. Segundo esta lei, o empregador não devia discriminar entre homens e mulheres. Além disso, a lei contribuiu para a proteção das trabalhadoras femininas estabelecendo, por exemplo, licença menstruação, proibição do trabalho noturno, licença maternidade antes e depois do nascimento da criança, horário reduzido de trabalho para cuidar dos filhos, entre outras provisões (KOYAMA, 1961, p. 21). Assim, ao menos de acordo com a lei, as mulheres tinham oportunidades iguais às dos homens de conseguir emprego, e suas necessidades particulares seriam levadas em conta.

Mesmo com as mudanças, a noção da sociedade sobre qual deveria ser a posição da mulher não mudou tão rápido. Uma pesquisa foi conduzida em 1952, pelo Instituto de Pesquisa da Opinião Pública Nacional, para saber a opinião dos japoneses sobre mulheres casadas trabalhando fora do lar (KOYAMA, 1961, p. 64). Apenas 23% dos que responderam à pesquisa indicaram aprovar mulheres casadas trabalhando, e 25% aprovavam apenas dependendo da situação. Segundo Koyama (1961, p. 65, tradução nossa), “a maioria daqueles que aprovam mulheres casadas trabalhando fora de casa consideram tal trabalho como um mal necessário, um mal que foi forçado sobre eles pelas dificuldades da vida nos dias presentes<sup>16</sup>”. Assim, observa-se que ainda havia para muitas pessoas uma divisão ideal entre o papel do

---

<sup>14</sup> All of the people are equal under the law and there shall be no discrimination in political, economic or social relations because of race, creed, sex, social status or family origin.

<sup>15</sup> With regards to choice of spouse, property rights, inheritance, choice of domicile, divorce and other matters pertaining to marriage and the family, laws shall be enacted from the standpoint of individual dignity and the essential equality of the sexes.

<sup>16</sup> The majority of those who approve of married women working outside regard such work as a necessary evil, an evil which has been forced upon them by the difficulties of present-day life.

marido, trabalhando fora de casa, e da esposa, cuidando dos assuntos domésticos, divisão que não podia ser seguida à risca por causa das circunstâncias. Por outro lado, a pesquisa citada mostra que quanto mais jovens os participantes, maior a aceitação de mulheres casadas trabalhando fora de casa. Isto indicava uma mudança de pensamento nas gerações mais novas, e assim uma possível mudança nas atitudes do futuro.

Havia também debates nos anos 1950 sobre qual deveria ser a principal posição das mulheres na sociedade japonesa. Um dos importantes veículos para estes debates era a popular revista feminina *Fujin Korôn* e o ponto central das discussões era se o papel principal das mulheres deveria ser de esposa/mãe ou se elas deveriam poder priorizar a carreira (BUCKLEY, 1993, p. 350). A maioria dos leitores ainda rejeitava argumentos que favoreciam o direito das mulheres de escolher a carreira acima da família, e abraçavam argumentos mais conservadores, que priorizavam a maternidade. Isto é outro indicativo de que a noção de grande parte da sociedade sobre qual deveria ser o papel principal da mulher não havia mudado muito. A opinião da personagem Hana de que a mulher não devia permanecer sem se casar, apenas seguindo sua carreira, ainda era opinião de muitas pessoas no Japão.

Hanako não chega a se opor à opinião de Hana sobre o fato de que as mulheres devem se casar, dizendo à avó: “I’m certainly not opposed to marriage” (ARIYOSHI; trad.: Tahara, 1980, p. 227). Por outro lado, não demonstra em nenhum momento um desejo forte de casar e ter uma família, indicando que este não é o principal objetivo dela. Provavelmente, para Hanako, casamento não é uma prioridade, mas é algo que ela aceita como parte da vida. Antes de visitar Hana pela última vez, Hanako diz na carta que manda para a avó: “One day I shall marry and have a daughter. It amuses me to imagine how my daughter will rebel against me and regard her grandmother with affection” (ARIYOSHI; trad.: Tahara, 1980, p. 221). Ela vê o ato de formar uma família como um acontecimento no futuro, onde fazendo isto ela continuaria mantendo um ciclo do qual faz parte. Hanako ressalta que terá uma menina, por sentir a conexão mais forte com as mulheres da sua própria família, desenvolvendo um relacionamento mais próximo com elas – principalmente com sua avó. Ela provavelmente pensa, ao escrever a carta, em como sua mãe, Fumio, se rebelou contra Hana, enquanto ela própria tem grande afeição pela avó.

Hanako começa a desenvolver o forte vínculo com Hana quando criança, nos momentos que passou com ela em Wakayama. Num desses momentos, numa conversa entre as duas, Hanako confunde flores de pêssego com flores de cerejeira, e depois disso: “Hana caught a fleeting glimpse of Fumio in this child who could not distinguish between cherry blossoms and peach blossoms” (ARIYOSHI; trad.: Tahara, 1980, p. 177). Hana imagina que,

como Fumio não tem interesse em nada que é japonês, ela não se preocupa em ensinar à sua filha sobre a cultura do país. Mas Hanako é bem diferente da mãe, e tem muito interesse em aprender o que a avó tenta lhe ensinar. Assim, Hana fica satisfeita com a neta: “Hana was greatly relieved that Hanako had not inherited Fumio’s rebelliousness” (ARIYOSHI; trad.: Tahara, 1980, p. 178).

Hanako nunca se revolta contra Hana como sua mãe, Fumio, se revoltou no passado. Em uma carta escrita para Hana, Hanako diz: “Unlike mother, I do not have any strong feelings against the ‘family’ [...] you don’t need to worry about me feeling the same way she did” (ARIYOSHI; trad.: Tahara, 1980, p. 221). Mas deve-se levar em conta que a experiência de Hanako com a família é muito diferente da de sua mãe. Afinal, Hanako foi criada por Fumio, que não se importava com o seguimento dos costumes e tradições, e assim não exigia isso da filha. Já Fumio, que foi criada por Hana, via a mãe como uma mulher que sofria com a opressão da própria família e que tentava lhe impor os costumes e tradições com os quais ela não concordava. Além disso, deve-se considerar que Hanako cresceu num contexto social muito diferente do da mãe, em que o movimento feminista no Japão era praticamente inexistente e o clima era bastante repressor. Assim, Hanako também não sofreu as mesmas influências que Fumio em sua época.

A obra *Ki no Kawa* se encerra com a morte de Hana, durante os anos 1950. Nesta época, nem todos os antigos costumes que a personagem defendia haviam desaparecido. A forma de pensar das pessoas não poderia mudar de uma hora para outra, mesmo que as leis e a própria realidade estivessem mudando. Como já explicado, grande parte da sociedade japonesa ainda defendia que os papéis principais das mulheres deveriam permanecer os tradicionais, de mãe e esposa.

Nos anos 1960, o próprio governo voltou a incentivar as mulheres a se tornarem mães. Durante a Segunda Guerra Mundial e durante a recuperação do país após a Guerra, a participação feminina como força de trabalho foi essencial. Porém, com tudo indicando rápido crescimento econômico nos anos 1960, o governo começou a se preocupar que os incentivos para as mulheres entrarem no mercado de trabalho estivessem contribuindo com a redução no nível da taxa de natalidade no Japão. Em 1964, o Primeiro Ministro Satô Eisaku fez um apelo público às mulheres japonesas logo depois da sua eleição, pedindo que elas tivessem mais filhos (BUCKLEY, 1993, p. 351). Mas a taxa de natalidade continuou a cair, e um crescente número de mulheres continuava trabalhando fora mesmo depois do casamento. Havia também uma forte tendência de mulheres deixarem o emprego para criar os filhos e optarem por reentrar na força de trabalho depois.

Relacionado com este aumento das mulheres no mercado de trabalho, estava o surgimento de um crescente consumismo no Japão. Segundo Buckley (1993, p. 353), os custos das novas tecnologias, do mobiliário, entre outros, adicionava muito à carga financeira do lar, levando mais mulheres a permanecerem no mercado de trabalho para manter o padrão de vida desejado. Também explicando esta nova tendência havia os custos com a educação dos filhos, que pesava muito no orçamento das famílias.

A partir dos anos 1960, mulheres tinham mais acesso a métodos contraceptivos, ganhando maior controle nessa esfera. O planejamento familiar tornou-se um importante fator na gestão financeira do lar para as mulheres japonesas. Segundo Buckley (1993, p. 353, tradução nossa), “o chamado do Primeiro Ministro Satô para mulheres terem mais filhos errou totalmente o alvo, pois falhou em identificar a complexidade das questões que estavam levando mulheres a um ciclo de vida drasticamente novo por meados de 1960<sup>17</sup>”. Observa-se que as mulheres japonesas começavam a ganhar cada vez mais controle sobre suas vidas, podendo planejar seus próprios futuros, algo que a maioria não podia fazer 60 anos antes. Esta realidade é representada na obra *Ki no Kawa*, onde Hanako tem grande poder de decisão sobre seu destino, escolhendo se formar numa universidade e trabalhar, deixando o casamento e a família como planos para o futuro. Enquanto sua avó, Hana, só pôde se contentar em casar com o pretendente escolhido para ela e gerar herdeiros, aceitando os costumes e se dedicando exclusivamente à família.

Apesar desta crescente capacidade de controle e independência financeira conquistada pelas mulheres, ainda permaneciam desigualdades. Um exemplo claro podia ser visto nos salários recebidos pelas mulheres, os quais permaneciam bem menores que os dos homens. Mesmo com a Lei das Normas de Trabalho de 1947, que proibia a discriminação sexual e estabelecia remunerações iguais para trabalhos de igual valor, segundo Koyama (1961, p. 111), o salário dos homens em 1961 ainda superava muito o das mulheres. Para Koyama (1961, p. 111, tradução nossa), “a diferença entre os salários pagos aos dois sexos é em parte resultado da noção tradicional de que ‘o lugar de uma mulher é no lar’. Desde o começo da era Meiji, o salário das mulheres tem sido sempre muito inferior ao dos homens<sup>18</sup>”. Isto mostra como a antiga noção de que as mulheres deveriam priorizar o trabalho doméstico não havia mudado ainda. Assumia-se que o papel principal de uma esposa deveria ser no lar,

---

<sup>17</sup> Prime Minister’s Satô call for women to bear more children missed the mark entirely, for it failed to identify the complexity of issues that were leading women into a dramatically new life cycle by the mid-1960s.

<sup>18</sup> The difference in the wages paid to the two sexes is in part the result of the traditional notion which assumes and takes for granted that ‘a woman’s work is in the home’. Since the beginning of the Meiji era, women’s wages have always been far below those of men.

sendo o trabalho dela apenas para auxiliar na renda da família. Sendo assim, as mulheres não precisariam receber tanto quanto os homens.

Além deste pensamento tradicional, havia fatores dificultando que as mulheres pudessem trabalhar fora de casa, principalmente depois que casassem e tivessem filhos. Um dos principais fatores era, e ainda é nos dias de hoje, a insuficiência das instituições de cuidados às crianças. Em 1982, dos 24.000 centros de cuidados após escola considerados necessários para atender a demanda, apenas 4.739 estavam em operação. Em 1988, havia 15.115 jardins de infância em operação, porém apenas 41% deles eram públicos (BUCKLEY, 1993, p. 356). Os privados eram caros demais e tinham longas listas de espera. Além destas dificuldades, havia uma pressão social para que as mulheres permanecessem cuidando da criança em tempo integral pelo menos nos primeiros anos de sua vida. Mesmo que a mulher não quisesse ceder a esta pressão e continuar trabalhando, os jardins de infância não aceitariam crianças com menos de um ano.

Vê-se que mesmo com as mudanças, ainda havia dificuldades e obstáculos para a independência e liberdade femininas. O papel principal da mulher ainda era considerado dentro do lar, mesmo que esta noção fosse contra a realidade de cada vez mais mulheres entrando no mercado de trabalho. E a última parte de *Ki no Kawa* retrata este paradoxo na relação entre as duas personagens, Hanako e Hana. Hanako representa as mulheres que trabalham e focam na carreira, enquanto Hana representa o pensamento tradicional que ainda permanece na época, de que o lugar das mulheres é no lar.

Apesar das mulheres terem adquirido maior controle sobre suas vidas, tinham que fazer certas escolhas bastante complexas. Se uma mulher quisesse se tornar mãe e ter uma família, precisaria provavelmente abrir mão de sua carreira e da independência financeira para isso. A personagem Hanako talvez precisasse desistir de seu trabalho, se realmente se casasse e tivesse uma filha como pensava ser parte do seu futuro. Para que as mulheres tivessem oportunidade de conseguir trabalhar e serem mães ao mesmo tempo, seriam necessárias mudanças na sociedade e nas instituições de cuidados para as crianças, no sentido de facilitar que as mulheres se mantivessem na força de trabalho. E para realizar estas mudanças, seria preciso abandonar o pensamento de que o lugar principal das mulheres era no lar. Haveria então a necessidade de desistir da noção de que o ideal para a mulher é ser *ryôsai kenbo*, noção que está na sociedade há muito tempo e que ainda cria dificuldades para a independência das mulheres.

## 6. A MULHER JAPONESA EM *KI NO KAWA* E NOS DIAS ATUAIS

Através da análise das três personagens principais na obra *Ki no Kawa*, pôde-se alcançar uma maior compreensão tanto destas personagens quanto da posição das mulheres japonesas em três diferentes gerações. Com esta análise, percebeu-se que o antigo ideal feminino reforçado na era Meiji, de “boa esposa, mãe sábia”, representado por Hana, continuou presente durante o período Taishô, em que vive Fumio, e pareceu ter enfraquecido no período Showa, em que vive Hanako, pois passou a não ser mais reforçado pelo governo. Mas mesmo na época de Hanako, em que cada vez mais mulheres entravam no mercado de trabalho, a ideia de que os papéis principais das mulheres deveriam ser de esposas e mães ainda estava presente na sociedade, pois continuava na cultura e no modo de pensar do povo. Esta compreensão por sua vez ajuda no entendimento de questões envolvendo as mulheres japonesas nos dias de hoje. Na atualidade, a antiga noção de que o lugar da mulher é principalmente cumprindo as tarefas do lar, enquanto seu marido trabalha fora, ainda permanece em grande medida, noção que impõe dificuldades às mulheres para manterem sua independência financeira, permanecendo na força de trabalho japonesa.

A análise da primeira personagem da obra, Hana, levou à compreensão do ideal da mulher japonesa construído no período Meiji – a *ryôsai kenbo*, “boa esposa, mãe sábia” – e como este ideal era reforçado pelo governo e pela educação voltada para meninas. As mulheres deviam fazer o possível para seguir este ideal, enquanto seus maridos trabalhavam fora, havendo assim uma divisão rigorosa de tarefas. Hana, como muitas mulheres de sua época, é educada para se tornar uma “boa esposa, mãe sábia”, e cumpre este destino após o casamento. Hana representa as mulheres da época que precisavam aceitar os maridos escolhidos para elas pelos pais, assim como aceitar vários costumes impostos. Se casassem com o filho mais velho de uma família, como Hana, tinham que aprender os costumes dessa nova família e respeitá-los. A esposa ficava quase sem direitos no casamento, sendo que até mesmo suas propriedades passavam a ser administradas pelo marido. Se a esposa cometesse adultério, era punida, enquanto os homens cometerem adultério ainda era socialmente aceito. Hana representa estas mulheres que não tinham escolha a não ser aceitarem a infidelidade de seus maridos e a falta de liberdade em suas vidas.

Hana se conforma em seguir os costumes e se dedica inteiramente ao marido e à família. Mas a busca por entender as mulheres japonesas do período Meiji para analisar Hana, mostrou que existia nesta época pessoas que não estavam conformadas com o tratamento

concedido às mulheres pela sociedade japonesa. Também trouxe a conclusão de que várias mulheres estavam distantes do ideal que a personagem da obra representa. Muitas tinham que trabalhar fora mesmo depois do casamento, ainda tendo que cuidar dos filhos e do lar. Além disso, algumas pessoas questionavam e se mostravam contra este ideal da “boa esposa, mãe sábia”, querendo mudar os costumes e leis que o reforçavam.

A análise da personagem seguinte, Fumio, filha de Hana, resultou numa compreensão das mulheres do período Taishô, particularmente dos movimentos feministas que ocorriam no Japão nesta época. As “novas mulheres” japonesas, que lutavam pela mudança da sua posição na sociedade, tiveram influência sobre Fumio durante a juventude. Feministas, como a famosa criadora da revista *Seitô*, Hiratsuka Raichô, lutavam pelos direitos das mulheres e fim da opressão feminina. As revistas eram os principais meios pelos quais estas mulheres propagavam suas ideias, e foi através deste meio que Fumio veio a entrar em contato com elas. Também através da análise de Fumio foi possível concluir que o ideal da *ryôsai kenbo* ainda predominava nesta época, e ainda era imposto às mulheres. Hana, como a representação deste ideal, tentava impor à filha a ideia de que ela deveria casar com um pretendente escolhido pelos pais e se dedicar a ele e a sua família. Hana também se esforça para ensinar à filha as tradições japonesas. Mas Fumio vive uma juventude diferente da de Hana, se focando nos estudos e não no casamento, e preferindo a modernidade às tradições japonesas. A filha entra em conflito com a mãe e se revolta contra ela, já que as duas defendem posições opostas para as mulheres. Fumio vê sua mãe como uma mulher oprimida pela família e a critica por isso. Mas quando cresce, ela também acaba casando e passando a se dedicar principalmente à sua família, aceitando os papéis tradicionais da mulher.

Assim, analisando as mulheres no período Taishô para compreender a personagem Fumio, foi possível concluir que mesmo havendo movimentos para alcançar mais direitos e liberdades para as mulheres, esses movimentos não foram fortes o bastante para causar grandes mudanças. Houve de fato um despertar da consciência de muitas pessoas para os problemas das mulheres na sociedade japonesa. Porém, por exemplo, o movimento sufragista feminino, que teve força nesta época no Japão, não conquistou o direito de voto para as mulheres. A sociedade ainda se mostrava muito conservadora, principalmente no que dizia respeito aos papéis que as mulheres deviam assumir. As escolas ainda educavam as meninas para se tornarem *ryôsai kenbo*, e considerava-se que participação política não cabia às mulheres. Isto só foi mudar durante a ocupação do Japão pelos americanos, após a Segunda Guerra mundial – época em que viveu a personagem Hanako de *Ki no Kawa*.

A análise da personagem Hanako, filha de Fumio, mostrou que ela representa uma mulher que precisa trabalhar fora, como muitas no período Showa. Hanako vive sua juventude durante a Segunda Guerra Mundial, época em que as mulheres passaram a ser mais necessárias como força de trabalho no Japão. Ela estuda na mesma universidade que a mãe, Fumio, mas ao contrário da mãe, desde cedo trabalha para seu próprio sustento. Observou-se que após a Segunda Guerra, a nova constituição e leis ressaltavam a igualdade entre os gêneros e criavam incentivos para as mulheres entrarem no mercado de trabalho. Mas na prática, ainda havia muitos empecilhos para mulheres que queriam perseguir uma carreira e terem uma família ao mesmo tempo. Como grande parte da sociedade, a avó de Hanako, Hana, ainda tinha a noção de que toda mulher deveria priorizar seu papel no lar, e não queria que sua neta fosse apenas uma mulher trabalhadora, pois achava que as mulheres não deviam permanecer sem se casar.

Hanako também pensava em ter uma família no futuro, e na realidade, isso provavelmente significaria ter que abandonar o emprego. Os obstáculos enfrentados pelas mulheres que queriam ser mães e trabalhadoras eram acompanhados da ideia de que a mulher só deveria trabalhar depois de casada com o objetivo de complementar a renda da família, ainda tendo que realizar seus papéis como dona de casa e mãe. Ainda era reforçada a divisão de papéis entre marido e esposa, se complementando, e isto dificultava que as mulheres pudessem ser financeiramente independentes depois do casamento. Assim, mesmo que o ideal da *ryōsai kenbo* houvesse desaparecido do discurso do governo e das escolas, e a igualdade entre os gêneros estivesse clara na nova constituição, na prática ainda era este ideal tradicional de “boa esposa, mãe sábia” que prevalecia na sociedade.

Até os dias de hoje, as mulheres no Japão ainda enfrentam problemas para conciliar seus papéis como trabalhadoras e mães. Estatísticas do governo sugerem que muitas mulheres no Japão gostariam de trabalhar fora, mas não podem, em grande parte por não terem quem cuide de seus filhos (FIFIELD, 2014). Desde 2012, o Primeiro Ministro japonês Shinzō Abe tem perseguido estratégias que pretendem reviver a economia do país promovendo a participação e o avanço das mulheres na força de trabalho japonesa. O plano é conhecido como “Womenomics”, e originalmente, tinha como objetivo que 30% das posições de liderança no país fossem preenchidas por mulheres até 2020. Além disso, outro dos grandes objetivos é aumentar a proporção de mulheres que voltam ao mercado de trabalho após o nascimento dos filhos para 55%. Como um dos maiores desafios para as mulheres é conciliar a maternidade com a carreira, o plano de Abe tem tentado, entre outras estratégias, criar um novo sistema de cuidados para crianças. Este sistema tem o objetivo de diminuir a crescente

demanda não atendida por jardins de infância e creches, encorajando a criação de instalações locais, de pequena escala, para acolhimento de crianças. Assim, o sistema promoveria suporte dentro da comunidade local, incluindo clubes pós-escolares para crianças e serviços de custódia temporária, para acomodar crianças de vários lares (CHEN, 2015).

Mas além dos problemas estruturais que precisam ser resolvidos, existem outros motivos pelos quais as mulheres japonesas não voltam à força de trabalho. Entre eles, está a noção ainda muito presente de que a mulher deve cuidar em tempo integral dos filhos ao menos nos primeiros anos, e de que as tarefas do lar são responsabilidade das mulheres. Ao mesmo tempo, os homens costumam trabalhar fora longas horas e ter pouco tempo para se dedicar à família. No Japão, horas de trabalho são mais recompensadas do que resultados, e trabalhar até mesmo 15 horas em um dia não é incomum. Assim, os homens ainda contribuem muito pouco com as tarefas domésticas e os cuidados com as crianças. Pode-se dizer que até hoje, em grande medida, a divisão de papéis tradicional entre gêneros está presente na sociedade.

Assim, a política do governo esbarra numa realidade que perdura há muito tempo, relacionada com expectativas de papéis de gênero na sociedade japonesa, que é um dos grandes motivos pelos quais as mulheres se mantêm fora da força de trabalho (CHEN, 2015). Questões estruturais que são obstáculos para as mulheres assumirem papéis de mães e trabalhadoras podem ser resolvidas com esforço, porém ainda mais difíceis de serem mudadas são as normas culturais. As expectativas sociais de papéis tradicionais de gênero estão profundamente enraizadas na sociedade japonesa.

Vimos que da época em que a personagem Hana, de *Ki no Kawa*, viveu, até os dias de hoje, muitos aspectos da vida das mulheres mudaram para melhor. Apesar disso, a ideia de que o lugar das mulheres é no lar parece ter se mantido na sociedade japonesa. Exemplo disso está em várias empresas do Japão, onde apesar da licença maternidade ser garantida para as mulheres, de acordo com a lei, na prática é esperado que elas se demitam depois de terem filhos, havendo casos em que são pressionadas por seus superiores a se demitirem (GINGOLD, 2015). Isso ocorre em parte porque acredita-se que a mulher, depois de ter filhos, deve passar a se dedicar principalmente a eles, não havendo mais tempo para se dedicar à carreira. Mesmo com o plano do Primeiro Ministro Abe para ter mais mulheres no mercado de trabalho, muitas empresas não estão colaborando neste sentido.

Vê-se então que, mesmo com movimentos das mulheres que tiveram força no período Taishô, onde vimos Fumio, e com a Nova Constituição do período Showa, onde vimos a jovem Hanako, a mentalidade das pessoas não mudou tanto. Ou seja, ainda há um longo

caminho a se percorrer para facilitar a permanência das mulheres na força de trabalho. O governo pode continuar ajudando com mudanças estruturais para dar suporte às mulheres, mas a própria sociedade também precisa desenvolver maior aceitação a uma divisão mais igualitária de papéis entre homens e mulheres. Tendo como base a obra *Ki no Kawa*, vimos que as mudanças para as mulheres japonesas, indo de Hana a Hanako, foram gradativas, mas positivas, e com isso, é possível avistar uma sociedade japonesa mais igualitária no futuro.

## 7. CONCLUSÃO

A escritora japonesa Ariyoshi Sawako deixou em suas obras uma enorme contribuição para a reflexão e o entendimento de várias questões sociais do Japão. Entre os problemas com os quais ela se preocupava em escrever, vimos que as questões das mulheres japonesas na sociedade foram muito presentes em suas obras. Exemplo disso está no romance *Ki no Kawa*, foco deste trabalho, que tem como personagens principais mulheres de três diferentes gerações, mostrando claramente as diferenças entre elas. Assim, a análise destas personagens foi de grande utilidade na compreensão da posição das mulheres japonesas nas gerações em que se passa a obra, do período Meiji até após a Segunda Guerra Mundial.

Analisando as personagens do livro, Hana, Fumio e Hanako, foi possível traçar mudanças envolvendo as mulheres através do tempo no Japão, que apesar de ocorrerem lentamente, foram positivas. Viu-se que o ideal construído para as mulheres no período Meiji, a *ryôsai kenbo* representada pela personagem Hana, cujo papel principal era no lar, continuou a ser reforçado durante o período Taishô. Neste período houveram os movimentos feministas, vistos com a análise de Fumio, os quais despertaram a consciência de várias pessoas para as questões das mulheres, mas não trouxeram grandes mudanças concretas. O termo *ryôsai kenbo* só foi desaparecer das escolas para meninas e dos discursos do governo depois do final da Segunda Guerra Mundial, no período Showa, no qual viveu Hanako. Na análise da personagem Hanako, observou-se como as mulheres do período Showa alcançaram várias mudanças positivas, principalmente devido ao aumento dos seus direitos, não sendo mais obrigadas a se submeterem ao marido e à família, ganhando assim mais liberdade de escolhas e de controle. Observou-se isso através de Hanako que, ao contrário de sua avó Hana, não é obrigada a seguir costumes impostos. Hanako pode escolher trabalhar fora e deixar o casamento e filhos como planos para o futuro, enquanto Hana em sua época só podia se contentar em seguir o destino escolhido para ela.

Porém, concluiu-se também que apesar das mudanças positivas, e do ideal da *ryôsai kenbo* ter desaparecido do discurso sobre as mulheres e das escolas para meninas, este ideal continuava presente no pensamento de grande parte da sociedade. Desde o período Meiji, as mulheres cada vez mais trabalhavam fora de casa, mas a ideia de que o lugar da mulher deveria ser principalmente no lar não mudou junto com esta mudança na realidade. O ideal ainda era que as mulheres pudessem realizar suas tarefas domésticas, para que os homens

tivessem o tempo livre para trabalhar longas horas. Para uma mulher casada, o ideal seria não trabalhar fora, ou trabalhar somente para complementar a renda da família.

Assim, pôde-se concluir que mesmo nos dias de hoje, o pensamento sobre qual deve ser a divisão de papéis entre os gêneros ainda está muito presente na sociedade. Mesmo com planos do governo para ter mais mulheres no mercado de trabalho, na realidade, a sociedade e a cultura não contribuem neste sentido. Mulheres ainda são pressionadas a assumirem seus papéis na família e no lar como prioridades, mesmo que cada vez mais desejem perseguir suas carreiras. Uma mudança nas noções tradicionais da sociedade sobre a divisão de papéis entre gêneros se mostra necessária para maior igualdade entre homens e mulheres no Japão.

Assim, este trabalho apresentou como *Ki no Kawa*, de Ariyoshi Sawako, deixou uma contribuição enorme para a compreensão das mudanças que ocorreram na posição da mulher japonesa nas gerações passadas. Durante estas gerações, até os dias de hoje, noções tradicionais permaneceram e continuam dificultando a independência das mulheres. Mas analisando a posição da mulher do período Meiji, onde temos Hana, até o período Showa, onde temos Hanako, vimos que as mudanças para as mulheres foram positivas, o que traz a esperança de um futuro onde a sociedade japonesa seja mais igualitária.

## 8. REFERÊNCIAS

ARIYOSHI, Sawako. **The River Ki**. Tradução de Mildred Tahara. Tóquio, Nova York e São Francisco: Kodansha International, 1980.

BUCKLEY, Sandra. Altered States: The Body Politics of “Being-Woman”. In: A. GORDON (Ed.) **Postwar Japan as History**. Berkeley: University of California Press, 1993. p. 347-372

CHEN, Emily S. **When Womenomics Meets Reality**. The Diplomat. 06/10/2015. Disponível em: <<http://thediplomat.com/2015/10/when-womenomics-meets-reality/>> Acesso em: 14 de junho de 2016.

DUNN, Michael. **Modern Girls and Outrage**. The Japan Times. 10/05/2007. Disponível em: <<http://www.japantimes.co.jp/culture/2007/05/10/arts/modern-girls-and-outrage/#.V2gN3bgrLIU>> Acesso em: 17 de junho de 2016.

FAIRBANKS, Carol. Ariyoshi Sawako. In: **Japanese Women Fiction Writers: Their Culture and Society, 1890s to 1990s: English Language Sources**. Londres: The Scarecrow Press, 2002. p. 8-27

FIFIELD, Anna. **Japanese leader Abe wants more women to work**. Washington Post. 01/08/2014. Disponível em: <[https://www.washingtonpost.com/world/asia\\_pacific/japanese-leader-abe-wants-more-women-to-work-so-hes-got-big-plans-for-day-care/2014/08/01/8dcd84f5-c4b2-4e39-a1e0-125eaa57309b\\_story.html](https://www.washingtonpost.com/world/asia_pacific/japanese-leader-abe-wants-more-women-to-work-so-hes-got-big-plans-for-day-care/2014/08/01/8dcd84f5-c4b2-4e39-a1e0-125eaa57309b_story.html)> Acesso em: 17 de junho de 2016.

GINGOLD, Naomi. **Many Japanese women are unimpressed by “Womenomics”**. 08/10/2015. Disponível em: <<http://www.pri.org/stories/2015-10-08/many-japanese-women-are-unimpressed-womenomics>> Acesso em: 13 de junho de 2016.

HANE, Mikiso. Movement for Feminine Rights. In: **Modern Japan: A Historical Survey**. 2ª ed. Boulder: Westview Press, 1992. p. 213-215

HOFFMAN, Michael. **The Taisho Era: When Modernity Ruled Japan’s Masses**. The Japan Times. 29/07/2012. Disponível em: <<http://www.japantimes.co.jp/life/2012/07/29/general/the-taisho-era-when-modernity-ruled-japans-masses/#.V2gCZbgrLIU>> Acesso em: 20 de maio de 2016.

HORIMOTO, Fumiko. **Pioneers of the Women’s Movement in Japan: Hiratsuka Raichô and Fukuda Hideko seen through their journals, Seitô and Sekai Fujin**. 1999. Tese (Mestrado em Artes) – Departamento de Estudos da Ásia Oriental, Universidade de Toronto, Toronto, 1999.

KOYAMA, Takashi. Institutional Changes and Redefinition of the Position of Women. In: **The Changing Social Position of Women in Japan**. Paris: UNESCO, 1961. p. 15-32.

KOYAMA, Takashi. The Changing Position of Women in the Family. In: **The Changing Social Position of Women in Japan**. Paris: UNESCO, 1961. p. 33-75.

KOYAMA, Takashi. The Social Position of Working Women. In: **The Changing Social Position of Women in Japan**. Paris: UNESCO, 1961. p. 98-133.

PULVERS, Roger. **Prescient work of writer Sawako Ariyoshi begs for rediscovery**. The Japan Times. 02/09/2012. Disponível em: <[http://www.japantimes.co.jp/opinion/2012/09/02/commentary/prescient-work-of-writer-sawako-ariyoshi-begs-for-rediscovery/#.V2b56\\_krLIU](http://www.japantimes.co.jp/opinion/2012/09/02/commentary/prescient-work-of-writer-sawako-ariyoshi-begs-for-rediscovery/#.V2b56_krLIU)> Acesso em: 13 de maio de 2016.

PYLE, Kenneth B. **The Making of Modern Japan**. 2ª Edição. Toronto: D. C. Heath and Company, 1996.

SACHIDANAND, Unita. Feminine Literary Sensibilities and the Aesthetic World of Ariyoshi Sawako. In: **Social Change in Japan and the Place of Women: A Study of Women Protagonists in Ariyoshi Sawako's Writings**. 1997. Tese (Doutorado em Filosofia) – Centro de Estudos da Ásia Oriental, Universidade Jawaharlal Nehru, Nova Deli, 1997.

SEGAL, Ethan. **Meiji and Taishō Japan: An Introductory Essay**. Boulder: University of Colorado Boulder, 2015.

SIEVERS, Sharon L. **Flowers in Salt: The Beginnings of Feminist Consciousness in Modern Japan**. Califórnia: Stanford University Press, 1983.

TANAKA, Yukiko. Taishō Liberalism and Women. In: **Women Writers of Meiji and Taishō Japan: Their Lives, Works and Critical Reception, 1868—1926**. Londres: McFarland, 2000. p. 137-143.

UNO, Kathleen S. The death of “Good Wife, Wise Mother”? In: A. GORDON (Ed.) **Postwar Japan as History**. Berkeley: University of California Press, 1993. p. 293-322.